

convergência

OUTUBRO 1972 - ANO V - Nº 50



O livre risco da fé – J. B. Libânio

A problemática

monástico-vocacional da A. L. – P. Alurralde

A salvação – C. M. Tillesse

CONVERGÊNCIA

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC 05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1972:

Brasil: via terrestre Cr\$ 30,00
 via aérea Cr\$ 35,00
Exterior: via marítima .. US\$ 10,00
 via aérea US\$ 15,00
Avulso Cr\$ 3,00

Os artigos assinados são da respon-
sabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética
Ltda., rua Anibal Benévolo, 173 —
Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	1
INFORME CRB	3

O LIVRE RISCO DA FÉ	
J. B. Libânio	9

A SALVAÇÃO , Caetano M. de Til- lisse	20
---	-----------

A PROBLEMÁTICA VOCACIONAL MONASTICA NA AMÉRICA LATI- NA , Dom Pedro Alurralde	25
--	-----------

O SABER ESCUTAR NO MOMENTO ATUAL DA IGREJA E DA VIDA RELIGIOSA , Vilma Moreira da Silva	33
---	-----------

C. O. M. — CENTRO DE ORIEN- TAÇÃO MISSIONÁRIA	43
--	-----------

ESTANTE DE LIVROS	57
--------------------------------	-----------

Se em todas as épocas os homens foram sensíveis às coisas materiais, talvez ainda mais hoje, por causa da avalanche de comunicações e solicitações que recebem do meio ambiente. O homem quase não tem tempo para digerir uma impressão e outras muitas o assaltam.

Cria-se nele uma corrida para conquistar, armazenar o maior número possível de "coisas úteis". Coisas que a gente possa medir, pesar, sentir, controlar, usufruir, destruir, multiplicar.

É neste mundo de coisas úteis que o homem técnico se movimenta e vive.

Pode-se chegar a um grau de saturação de "coisas úteis" que não haja mais lugar para outros valores, não mensuráveis e palpáveis, ou seja, não há lugar para "coisas inúteis", como sejam: amor, bondade, esperança, serviço, dedicação, fé.

O homem não poderá viver tranquilo sem o "outro mundo"? Certamente que não, apesar de, na prática, encontrarmos muitos que fazem de conta que não existe mais nada a não ser o mundo palpável.

Ao findar o dia e contempnarmos os armazéns repletos de mercadorias, e nos encontrarmos unicamente conosco mesmos, no silêncio



EDITORIAL

de nosso vazio espiritual, sentiremos que nem todas as estrelas juntas poderão preencher o lugar que o Senhor reservou para si, na vida de cada criatura.

Quando tivermos abarrotado a vida de "coisas úteis" e tivermos feito tudo para não deixarmos espaço para as "coisas inúteis", para o Senhor, para nossa ânsia do além, será então que o vazio mais se manifesta.

A segurança que infrenemente buscamos nas "coisas úteis" não apareceu. O risco de termos de crer, de esperar, de amar, se nos apresenta como o único caminho capaz de responder a nossas interrogações.

O **Pe. Libânio**, na sequência de seus trabalhos, nos faz refletir sobre o risco da fé. Não somos apenas moléculas, matéria. Ansiamos tanto pelas "coisas úteis" quanto pelas que não podemos controlar nem medir.

Daí cremos.

Descobrimos que Deus não está aqui ou lá, que chega e se afasta. Nós estamos em Deus e Deus em nós.

Crer é uma atitude de abertura, de disponibilidade, de acatamento, para que o Senhor possa se manifestar em nós. Deus está em nossa vida, tão naturalmente quanto o ar que respiramos. É tão natural que por vezes não damos conta.

Esta tomada de consciência, no entanto, de nos confiar a ele, de aceitarmos que nossa vida viva da vida dele, é nossa obra, mas também uma exigência que nos custa. Vale, no entanto, a pena correr o risco, se com isto alcançamos a vitória.

O **Abade Alurralde** faz uma análise da situação das vocações monásticas na América Latina. Por um processo de aproximação, todos nós religiosos descobrimos nesta caminhada algo de nós mesmos, de nossas congregações, dos valores que buscamos.

A breve e profunda reflexão que o **Pe. Tillesse** apresenta de Salvação na Bíblia é um novo incentivo. O Saber escutar, que **Irmã Vilma** focaliza, deverá merecer nossa atenção, pois saber escutar é uma propriedade profundamente divina. Devia ser também humana.

Enfim lembramos a longa reportagem sobre o Centro de Orientação Missionária, de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. É um apelo ao qual nenhum religioso pode fugir.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

ENCONTRO NACIONAL DE FORMADORES

Rio de Janeiro, (12/22-8-72)

O lugar. Os participantes

No Alto da Gávea, Rio de Janeiro, na Casa de Retiros José Anchieta. Uma experiência de Tabor, estar juntos nestas paragens: 12 formadores e 40 formadoras, de todas as partes do Brasil. Harmonia e entrosamento desde as orações comunitárias, a celebração da Eucaristia, a interiorização pela reflexão. Uma oração fruto também, do nível e da profundidade dos temas, do testemunho dos conferencistas, da vida religiosa vivida. Cada apresentação, debatida por variada dinâmica de grupo, levava a um questionamento do ser cristão e religioso em busca de uma disposição a uma resposta nova, mais generosa do que a do passado.

Os conferencistas

Frei Constâncio Nogara, Secretário Exec. da CRB: Visão Geral da Vida Religiosa no Brasil e na América Latina. **Pe. João Batista Libânio**: As tensões que formam elementos estruturais da Vida Religiosa e que exigem de todos uma busca contínua de soluções harmoniosas. **Pe. Joaquim Pereira**, Provincial dos Jesuítas: O lugar da formação

apostólica na preparação dos jovens religiosos. A importância de um Projeto de Vida para uma verdadeira formação. **Irmã Vilma Moreira**: Valores e contra-valores existentes na juventude de hoje e na Vida Religiosa. **Irmão Luís Silveira**, Provincial dos Maristas: O valor e o modo de realização de uma comunidade formadora. Os caminhos de uma educação prospectiva. **Frei Leonardo Boff**: Experiência de Deus vivida plenamente por Cristo, nosso irmão mais velho. **Pe. Luciano Mendes de Almeida**: Formação para a oração. **Frei Ademar Spindeldreier**: Formação da Afetividade.

Visitas

Dom Eugênio de Araújo Salles, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, esteve presente por alguns minutos, para manifestar seu apreço pela vida religiosa e a necessidade da presença atuante dos religiosos e das religiosas na renovação da pastoral e da Igreja Local. Também Padre Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional da CRB esteve, durante meio-dia, com os cursistas. Deixou ótima impressão com seu testemunho de fé e pela exposição dos múltiplos trabalhos que a CRB realiza em bem da vida religiosa no Brasil.

Apreciação geral

Os participantes foram unânimes em ressaltar os benefícios do encontro, único em suas características.

1. Diversidade de integrantes. Estavam presentes formadores de todo o Brasil, cada qual com sua experiência, no setor que dirige. Sendo cada região do Brasil tão diferente, com seu povo e seus costumes, cada formador trouxe uma riqueza, colocando-a à disposição dos outros.

2. O fato de se encontrarem pessoas que trabalham no mesmo setor, de regiões diversas, possibilitou aos participantes de apreciarem, com conhecimento de causa, as experiências ora em curso, seja de noviciado, seja de juniorato, ou mesmo de postulante. Esta riqueza deu a todos maior amplitude de horizonte e coragem no processo de formação.

3. Através de encontros deste tipo, fica confirmada a necessidade de plu-

ralismo na formação e na vida religiosa mesma. Hoje mais do que outrora, precisamos aceitar uma sadia diversificação nos modos de viver o ideal religioso, mesmo dentro da própria família. Sendo o Brasil tão variado, nos tipos de gente e de regiões, e devendo a vida religiosa assumir os valores locais em tudo o que possuem de bom, deve cada comunidade buscar o caminho que melhormente conduza à vivência do ideal religioso.

4. Constituiu-se em nota positiva a possibilidade que todos tiveram de compartilhar do otimismo que manifesta já em dados concretos de renovação e nova força da vida religiosa. Aqui e acolá repontam experiências, frutos que nos levam a crer, com firmeza, no futuro.

5. Os cursistas ficaram agradecidos à CRB-Nacional pela organização do encontro, pela convivência e experiência de oração e comunicação. Sentiram necessidade de que semelhantes encontros se repitam.

ENCONTRO NACIONAL DE PROMOÇÃO VOCACIONAL (Rio de Janeiro, 21/24-8-1972)

Pela CNBB e pela CRB participaram do Encontro representantes de treze Regionais, mais dois bispos: Dom Valfredo Tepe e Dom José Maria Pires. Por meio dia esteve ainda presente Luís Campagnoni, Secretário Nacional do Serra Clube. Pe. Afonso Gregory assessorou. Número total de participantes: 40. O Encontro foi coordenado pela Equipe Nacional da Linha 1, concretamente Pe. Virgílio Leite Uchoa e Frei Constâncio Nogara.

Dia 21

Colocação dos objetivos do Encontro.

Por que nos reunimos aqui? Encontro de decisões ou, pelo menos, de encaminhamento de decisões a quem de direito. Fazer um balanço do problema vocacional a partir da infraestrutura humana, das estruturas da Igreja, do instrumental que temos à disposição. Analisar a situação a partir dos indícios de esperanças que estão surgindo.

Onde queremos chegar? Detectar os pontos de convergência. Detectar os pontos de divergência da problemática vocacional em âmbito nacional. Elaborar algumas diretrizes de âmbito nacional.

Etapas do Encontro. VER em profundidade a situação vocacional. CONFRONTAR a realidade com os princípios teológico-pastorais. ELABORAR diretrizes.

Dia 22

Apresentação dos vários Regionais sobre a situação e o trabalho vocacionais das respectivas regiões.

Numa tentativa de localizar e interpretar algumas características constata- das nos relatórios apresentados, Pe. Gregory chamou a atenção para estes aspectos:

— Trabalho de conjunto entre CNBB e CRB; trabalho intercongregacional; aparecimento de experiências novas; trabalho vocacional em comunidades de base e em movimentos de jovens; questionamento dos seminários menores em sentido amplo.

Num enfoque sociológico sobre a imagem do Padre, sublinhou:

— Cada indivíduo traz em si uma cosmovisão, uma escala de valores, que o impulsiona à busca, a sua realização, a sua felicidade. Projeta a partir de sua realização uma imagem real e uma imagem ideal. Descobre em ambas possíveis gratificações e frustrações. As condições concretas da Igreja e da sociedade influem profundamente na imagem tanto ideal como real. Na medida em que a imagem real vai correspondendo à imagem ideal, a pessoa adquire maior convicção em vista da opção. A opção só se torna possível na medida que cresce a perspectiva de êxito.

O estudo em círculos e em grupos girou em torno desta questão:

— De tudo o que você ouviu hoje e segundo a sua experiência, quais os pontos de maior atenção na linha de convergência e na linha de divergência? Por que?

Dia 23

Aprofundamento teológico dos pontos de convergência em vista da elaboração das diretrizes. Pe. Marcelo Cavaleira, Dom Valfredo Tepe e Frei Constantino Nogara focalizaram aspectos teológicos da vocação religiosa e sacerdotal.

Pe. Marcelo: A figura do padre é correlata à figura da Igreja. A Igreja é sacramento de salvação universal, sinal e instrumento da comunhão dos homens entre si e dos homens com Deus. A Igreja é o lugar privilegiado onde se revela o sentido da salvação universal de todos os homens. Tal visão provocou uma crise para a motivação pastoral dos presbíteros, visto que todos os homens podem salvar-se. A salvação foi dada aos homens. Mas a mesma crise deve ser hoje um novo ponto de partida para repensar o ministério do presbítero numa linha missionária e pastoral. Para o mundo: homem entre os homens; irmão entre os irmãos; para a comunidade eclesial: o pastor que proclama a palavra e celebra a eucaristia e o mistério pascal.

D. Tepe: A realidade é que existem ministérios específicos na Igreja. Segundo Marcos 3, 13: Jesus chamou os que quis. A vocação ministerial se exprime sacramentalmente e se liga à realidade hierárquica da Igreja. A ordenação sacerdotal configura o presbítero em Cristo Cabeça. O presbítero presta na Igreja um serviço insubstituível. É necessário para que haja Igreja.

Frêl Constâncio focalizou a diferença formal entre vocação ministerial do presbítero e a vocação à vida religiosa. O religioso, diversamente do presbítero, vive necessariamente a pobreza, o celibato e a obediência em comunidade. O religioso tem a sua identidade no ser e o presbítero na missão. Ambos são disponíveis. Mas a motivação desta disponibilidade vem do ministério para o presbítero; vem de sua mesma identidade para o religioso.

Dia 24

Depois da colocação teológica, do levantamento da realidade de cada regional, se elaboraram conclusões e diretrizes, como a seguir:

Conclusões

A. Objetivo da Pastoral Vocacional: atender, dentro da Pastoral Orgânica da Igreja, às vocações específicas para o sacerdócio, para a vida religiosa, para os diversos ministérios.

CURSO DE INTERIORIZAÇÃO, ORAÇÃO E FRATERNIDADE

Oitenta e seis junioristas, das mais diversas Ordens e Congregações, reuniram-se em Capão Redondo, São Paulo, de 15 a 23 de julho, para um Encontro promovido pela CRB, Regional de São Paulo. Um encontro para mais uma experiência sobre a temática **Interiorização, Oração e Fraternidade**, sob a orientação do Padre Nelson Carloni, Padre Luciano Mendes de Almeida e Madre Maria Antônia Azcune. **Convergência** publica aqui um depoimento de um grupo de junioristas a respeito.

B. Diretrizes

1. Criar, em âmbito nacional e regional, equipes de questionamento da realidade e reflexão teológico-pastoral.
2. Constituir estas equipes por elementos diversificados: Padres, religiosos, religiosas, leigos e leigas.
3. É atribuição destas equipes, nos respectivos níveis: **a)** Acompanhar e assessorar a pastoral vocacional. **b)** Incentivar e valorizar as experiências de promoção e cultivo vocacional e realizar seu intercâmbio, nos diferentes níveis. **c)** Mentalizar padres, religiosos e comunidades de sua corresponsabilidade em descobrir, incentivar, orientar e acompanhar as vocações. **d)** Integrar toda a pastoral vocacional no processo de educação da fé. **e)** Desenvolver nas comunidades eclesiais a consciência missionária das necessidades pastorais da Igreja. **f)** Atender, na pastoral vocacional, a realidade sócio-econômico-cultural de cada região. **g)** Imbuir a pastoral vocacional de insistentes orações na certeza de que a vocação é um dom especial do Senhor.

A dinâmica de trabalho e a experiência que fizemos de oração e fraternidade nos levaram a atingir muitos dos objetivos que tínhamos em vista ao participar deste encontro. Inicialmente, tomamos consciência de nossa vida periférica. Questionamo-nos sobre nossa falta de percepção, nossa incapacidade de ouvir, de ir além das aparências. Estas reflexões e estes questionamentos nos levaram à conclusão de que:

❖ No convívio com o próximo precisamos ver além das aparências, o que

se torna possível através da percepção, da interiorização, do saber ouvir. ❖ Uma vida periférica será sempre uma vida infeliz e frustrada. ❖ Ouvir, perceber, ir além das aparências, empenhar-se no conhecimento próprio, são condições básicas para se chegar à interiorização de Deus e do outro.

Trabalho constante e atitude de busca são exigências do processo de interiorização. Fazem com que a presença física e a presença imaginativa se transformem em presença amorosa, pela qual alguém fica presente dentro de quem o ama. Este é o meio de que dispomos para colocar o outro dentro de nós em nossa vida. Só assim entenderemos melhor como deveria ser a presença de Deus em nós e como fazer para interiorizá-la.

A presença de Deus não é de ordem física nem imaginativa, mas situa-se no plano fundamental da pessoa humana, que é a fé no amor. "Eu creio no amor de Deus para comigo". Daí a necessidade de ser profundo. Deus não é extrínseco. É interior. A experiência dele só poderá dar-se no núcleo mais profundo do ser humano. Integra nossa personalidade e coloca a todo momento a criatura num diálogo presente fundamentado na experiência do passado e na expectativa do futuro.

Para se recordar o passado e integrá-lo à luz do amor no assumir o presente e o futuro, faz-se mister interiorizar o amor de Deus que será uma realidade experimentada só por quem se sentir envolvido por este amor. Só se ama quan-

do é amado. Se constatamos nossa incapacidade de amar é porque não fizemos ainda um ato de fé no amor de Cristo por nós. Predisamos sentir que somos amados por Deus. Cristo nos ama porque sentiu que era amado por seu Pai. Quantas vezes lemos nos evangelhos: "Eu sou amado por meu Pai".

Cristo rezou e ensinou a rezar com simplicidade porque estava fundamentado nesta certeza do amor do Pai. É difícil rezar. Temos consciência disso diariamente. É que nossa oração não é dimensão de nossa vida consciente. Tomar consciência de que Deus nos ama já é uma atitude de fé neste amor. Transformará nossa oração.

Deixaremos de ter momentos de oração para termos uma atitude orante. E é aí então que, procurando discernir a vontade de Deus nesta ou naquela situação, nossa oração pessoal e comunitária passará a ser uma oração de discernimento. Acreditar e viver na intimidade com um Deus que me ama será minha realização afetiva e minha integração pessoal.

Assumidos por um Deus que nos ama seremos impelidos para um ideal. À semelhança de Cristo voltar-nos-emos para os mais necessitados, os mais indigentes, para aqueles a quem Cristo manifestou um amor diferente.

Ninguém pode se calar diante destas reflexões e destes questionamentos. Ah! pudessem todos participar desta experiência. A próxima será nos dias 31 de outubro e 1, 2, 3 de novembro próximos.

As Junioristas

CENTRO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL

São preocupações constantes do Centro de Formação Intercultural (CENFI) o ensino da língua portuguesa e a a-

culturação do estrangeiro no Brasil. Aprender uma língua e aculturar-se são um processo contínuo e provavelmente

não termina nem para o próprio brasileiro. O CENFI, portanto, lança apenas as bases, os critérios. Indica caminhos para uma aculturação efetiva. Seus serviços são utilizados pelos missionários, em sua grande totalidade, católicos. Como se pode concluir, então, o CENFI tem uma dimensão e um papel específicos dentro da Igreja no Brasil.

Sua origem. O Centro de Formação Intercultural nasceu de uma necessidade sentida pelos missionários norte-americanos, padres franciscanos, na cidade de Anápolis, Goiás. Os missionários perceberam que, para um trabalho eficiente, necessitavam de instrumentos. Em primeiro lugar, a palavra inteligível em si mesma (a língua) e inteligível ainda na mensagem que ela reveste: a cultura, a realidade, a mentalidade brasileira. Nestas circunstâncias se estruturou o Centro.

Seus números. O Centro de Formação Intercultural nasceu em 1960. Ministra dois cursos por ano. Cada curso dura quatro meses. Em seus 12 anos de vida, 900 pessoas passaram regularmente pelos seus bancos. Os períodos mais frequentados contaram com 60 alunos, especialmente quando esteve em Petrópolis. Como diminuiu o número de entradas de missionários estrangeiros, este número também decresceu.

Quem frequenta. O CENFI é aberto a qualquer pessoa estrangeira, porém, a grande maioria que o frequenta é de católicos, seja religiosos seja leigos voluntários. O último curso dado, de fevereiro a junho de 1972, contava 30 alunos de 14 nacionalidades diferentes, sendo 14 sacerdotes de 14 ordens e congregações diferentes, 13 religiosas e 3 leigos, destinados a 11 Estados dife-

rentes da Federação, do Norte ao Centro-leste.

Suas matérias. O conteúdo essencial do curso é o ensino do português em 300 horas-aula, com classes de, no máximo, 4 alunos. Baseia-se na repetição, na substituição, na transformação em busca de automatismos linguísticos. Quem seguir todo o curso acaba aprendendo cerca de 3.500 palavras. Um ensino, uma aprendizagem, um treino árduos. Uma segunda parte do curso compreende 150 horas-aula de elementos de antropologia sócio-cultural, História e Geografia do Brasil, realidade sócio-econômica, literatura e arte brasileira. A teologia pastoral é aprendida para a realidade brasileira no contexto latino-americano.

Uma série de conferências ministra elementos variados para uma compreensão mais extensiva do Brasil, de seu povo, de seu sentimento, de sua psicologia, de sua personalidade de base. O contato com o Brasil é indispensável e necessário. Hoje o CENFI está no Rio de Janeiro porque a cidade oferece muitas vantagens para este contato. O grupo faz seu estilo de vida, seus horários, sua liturgia, seus contatos. Há, porém, uma equipe presente que ajuda, que acelera, que diminui, que garante o processo e sua utilidade.

A quem pertence. O CENFI teve iniciativa particular. Não foi um movimento que nasceu da Igreja oficial. Outros grupos surgiram assim também e, por razões diversas, desapareceram. Mas a Igreja oficialmente reconhece a necessidade de uma Introdução ao Brasil. Por isso, a CNBB assumiu o CENFI. Hoje participam da Assembléia Geral do CENFI, órgão máximo de sua estrutura jurídica, a Presidência da CNBB e sua Comissão Episcopal de Pastoral.

O LIVRE RISCO DA FÉ

J. B. LIBÂNIO

A fé não pertence ao mundo das evidências. Este mundo vai sendo ocupado cada dia mais pelas ciências exatas. Por isso que todos os que colocaram muito empenho em adquirir evidências e certezas racionais para sua fé, vão se sentindo cada dia mais descontrados. Há verdadeiro deslocamento das certezas e evidências (1). Por outro lado a fé não pode ser entregue ao mundo das emoções, dos sentimentos, da pura entrega e risco cego. Então como viver a fé dentro das novas coordenadas do pensamento? Desafio constante à nossa fé.

A fé escapa exatamente da certeza da evidência e do irracional do emocional, porque encontra seu último fundamento, como assenso intelectual, no testemunho divino. (2). Crer é confiar no testemunho de Deus. Esta experiência da fé, de certo modo, é única, porque o testemunho de Deus é também incomparável. Contudo na nossa vida normal encontramos situações em que fazemos a experiência de confiar no testemunho de outra pessoa. A análise de tal experiência poderá ajudar-nos a penetrar um pouco o mundo da fé (3).

Quando éramos pequenos, aprendíamos tudo porque pessoas adultas, para nós cultas e sérias, informadas e verazes, no-lo diziam. Fomos aumentando nosso mundo de conhecimentos aceitando aquilo que nos diziam, sem possibilidade de crítica e mesmo sem necessidade dela. Era a autoridade dos que falavam a grande garantia. Quanto maior fosse a autoridade deles,

mais aceitávamos os ensinamentos. Diante de nossa inteligência pequena e aberta para o novo, com nossos infindos porquês, as respostas dos adultos eram seguranças. A vida ainda não nos tinha ensinado como os homens mentem. Criamos na sua ciência e lealdade.

Pouco a pouco, à medida em que íamos avançando nos nossos estudos e percebendo a complexidade dos problemas, as respostas feitas, dadas pelos outros, eram aceitas com sempre crescente desconfiança. Pouco a pouco íamos descobrindo a ciência, onde reina a evidência e não o testemunho. E quanto maior foi nosso caminhar no mundo científico e maior foi a assimilação da mentalidade científica, tanto mais arredios ficamos em aceitar os dados dos outros sem testá-los, confrontá-los com as fontes objetivas da ciência.

Percebemos pois que aprendemos e aceitamos as coisas de duas maneiras diferentes: pelo testemunho e pela ciência. No testemunho, reina o mundo da confiança na pessoa que testemunha. Sua ciência, sua veracidade, a fidelidade de sua comunicação são-nos a garantia da verdade. Nossa inteligência não consegue penetrar o sentido do afirmado ou não tem no momento condição de averiguar-lhe a verdade. Algumas afirmações escaparão para sempre da verificabilidade. A única garantia é a confiança na pessoa que testificou (4).

No mundo da ciência, reinam as evidências. O mestre fala, mas deve provar o que afirmou. Não se aceita mais o "magister dixit", o "mestre disse". Já desde cedo a

criança está sendo ensinada a pesquisar, a verificar os seus conhecimentos, confrontando-os com as fontes da ciência. Já não aceita sem mais a autoridade do mestre, como autoridade. A verificabilidade vai ocupando o lugar da aceitação confiante da pessoa do mestre (5).

É um processo necessário dentro do mundo da ciência. Se esta ficasse presa às autoridades dos mestres, ainda estaríamos na física de Aristóteles ou na medicina de Galeno. Cada nova afirmação lançada no mundo da ciência é testada pelos cientistas do mundo. Só a evidência de sua verificabilidade nos dá a garantia de sua verdade. Todos nos encontramos dentro desse processo de pensar. Com isso a atitude livre e própria da criança de aceitar o testemunho de quem lhe parece sábio, veraz, vai desaparecendo na nossa vida.

Realidades inverificáveis

A crise do testemunho é pois um momento necessário em nossa vida humana. Não só a metodologia científica, que lentamente vamos aprendendo no correr de nossa formação cultural, mas também as inúmeras experiências decepcionantes diante dos homens nos levam à desconfiança no testemunho. Quantas vezes eles mentem. Falam do que não sabem e com tanta segurança que enganam os incautos a-críticos. A pequenez da inteligência humana tende a absolutizar seus conhecimentos.

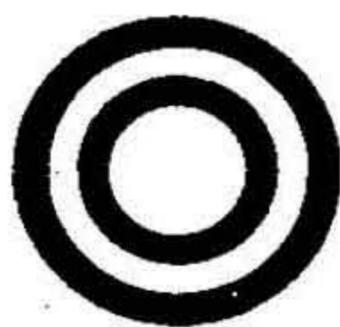
O homem quer colocar logo em forma dogmática, axiomática seus

conhecimentos para impô-los aos outros, sem querer confrontá-los com as fontes da ciência. Sobretudo os homens de meia ciência querem antes testemunhar sua ciência que expô-la ao debate, ao confronto, aceitando a possibilidade de terem de reformular o que pensam. Essas experiências e semelhantes vão-nos fazendo descrentes do testemunho humano. E quanto mais vivemos, mais parece difícil aceitar o testemunho dos outros.

Preferimos pois ficar com as evidências. Ao menos aí temos segurança de não sermos enganados, defraudados na nossa confiança. Como esse mundo das evidências cada dia parece mais restrito, vamos assumindo uma posição cética, relativista diante da vida. Resolvemos viver de certezas provisórias, sem querer e necessitar de verdades definitivas, absolutas (6).

Continuando a análise dessa nossa experiência tão diária e simples, vemos que não conseguimos assumir essa atitude em todos os setores de nossa vida. Há certos momentos em que devemos, mesmo na idade adulta e de capacidade crítica, aceitar o testemunho do outro, sem o qual não podemos ser felizes. Teremos que viver em plena idade madura, aquela atitude maravilhosa da criança que confia, que se entrega, aceitando o testemunho do adulto.

Refiro-me sobretudo à experiência do amor. O amor que funde o destino de duas pessoas, seja numa vida conjugal de fidelidade, seja numa amizade profunda, parte do princípio do testemunho. Aí não



PARA REFLEXÃO

se verificam as evidências da ciência, nem basta a posição relativista e cética das verdades provisórias ou dos compromissos transitórios. Há muitos testemunhos que os homens dão e que depois podem ser testados e comprovados. Haja visto os testemunhos dados nos tribunais. Todo o esforço dos juizes é querer ver até onde tais testemunhos podem ser verificados e, portanto, verazes.

Há realidades na nossa vida que são inverificáveis, pois elas encontram seu lugar no arcano profundo de nossa consciência. O amor de um esposo a sua esposa é algo profundamente invisível, mas que ele procura testemunhar cada dia através de mil sinais e símbolos. Aqueles que se amam se encontram um diante do outro como dois que continuamente interpretam os símbolos, os testemunhos de uma realidade profunda e misteriosa que existe neles: o amor. Toda psicologia, a mais perspicaz que possa

existir, nunca conseguirá captar a intencionalidade profunda do amor. A psicologia percebe as formas de manifestação. Estas são imperfeitas, deficientes, criticáveis. A intencionalidade do amor não se deixa esgotar por elas, nem julgar-se totalmente por elas (7).

Há pois um paradoxo na vida humana. À medida em que se cresce, abandona-se o mundo da aceitação dos testemunhos para viver do mundo dos conhecimentos verificáveis. Seria uma criança imperdoável, viver toda a vida repetindo maquinalmente o que disseram o papai, a mamãe, o professor.

Superar o testemunho

É sinal de maturidade o contínuo libertar-se do mundo do testemunho, para o mundo dos conhecimentos críticos, pessoais. Quando pareceria pois que a maturidade destruiria nossa capacidade de aceitar testemunhos, colocando toda a ênfase no verificável criticamente, surge momento fundamental de nossa vida madura: o compromisso do amor. É próprio de pessoas maduras saber amar. Amar como esposo, amar como amigo, amar como quem sabe doar-se e receber o dom. Sinal máximo de maturidade (8).

O amor é impossível fora do mundo do testemunho. Aí encontramos que aquilo que na criança era espontâneo, no adulto se torna consciente, necessário. Dorme em cada homem uma eterna criança. Se ela morrer, a vida morre dentro do homem. Esta criança é essa

capacidade límpida de amar e crer no amor do outro. Este amor nunca será fruto de evidência. Sempre será fé no testemunho. Testemunho de um homem que pode mentir, e que mente. Testemunho de um homem que pode enganar, e que engana. Testemunho de um homem tão limitado, que pode fazer teatro e faz teatro na expressão de si.

Eis aí o risco de aceitar o testemunho dos homens. Risco de um lado necessário e do outro livre. Necessário porque sem amar não podemos viver. Amar na dupla dimensão de dar e receber. Sem crer no testemunho não há amor. Risco, portanto, necessário de aceitar o testemunho dos homens.

Risco livre. Aquele que eu amo não é imposto pela fatalidade, mas livre escolha de meu amor. Livre dom de mim. Livre aceitação de seu dom. Nesse jogo misterioso do livre dar e do livre receber se fundamenta o jogo do amor. A própria palavra jogo nos fala de risco, de sorte. Um jogo, por força mesma de ser jogo, não pode ter o resultado já anteriormente conhecido. Perderia sua razão mesma de ser jogo. O obscuro do resultado faz que o jogo seja jogo.

O amor tem esse elemento de jogo. O resultado do amor é sempre misterioso. Fidelidade até o fim? Ruptura? De cada parte, antes do jogo, o único desejo, a única aspiração é a vitória. Quem fosse para o jogo para perder destruiria o jogo. Assim no jogo do amor a única posição é a aspiração da vitória. A vitória no amor

é a fidelidade, é o próprio amor até o fim (9).

A experiência humana mostra como o homem vive o paradoxo da contínua superação do testemunho como fonte única de conhecimento e a necessidade de aceitar o testemunho do amor e fidelidade para poder viver, ser feliz. A falta de percepção desse paradoxo real da existência leva muita gente a complicar-se no problema da fé.

O ser em-sua-casa

A fé é aceitar com confiança o testemunho divino. A inteligência humana sabe-se não ser a única regra da verdade. Existem certamente resquícios de racionalismo até hoje, mas a euforia triunfalista da razão recebeu já golpe de morte, sobretudo a partir de uma filosofia vitalista, existencialista, experiencial (10). A fé cristã sempre se opôs às pretensões absolutistas da razão humana, a partir de outro ponto de vista que as filosofias existencialistas. Existe um Deus livre nas suas manifestações. Não pode ser enquadrado dentro dos esquemas da razão humana (11).

Para o que crê é evidente que existe uma ciência divina, que ultrapassa toda capacidade humana de pensar. Ciência que Deus tem de si. Ciência eterna. Ciência de outra natureza que qualquer ciência humana. A ciência divina é sua auto-consciência eterna, infinita. A consciência de um Deus que é Pai, sabendo-se eternamente gerando o Filho, sendo totalmente para o Filho. Consciência e ciência do Filho

que se sabe eternamente para o Pai e do Pai. Ciência e consciência do Espírito, que também se sabe como o Amor Pessoal, vínculo eterno do Pai e Filho (12).

Como a consciência de Deus trino é a pura luminosidade, é a perfeita penetrabilidade total de si, e da qual toda clareza, toda luz, toda consciência participam, não é possível o menor resquício de erro, de dúvida, de equívoco. Só há erro onde há possibilidade de divisão, onde o sujeito não se penetra totalmente. Em Deus, está a perfeita e pura auto-transparência, onde toda divisão, fissura, obscuridade estão afastadas.

Quando o ser está eternamente em-sua-casa ele não pode errar. Deus é esse ser sempre em-casa. Nós temos continuamente que sair de casa para conhecer. Por isso o erro é o contínuo tributo que pagamos a nossa criaturalidade. Deus sempre está em-casa, mesmo quando fora-de-casa. Nós pelo contrário sempre estamos fora-de-casa, mesmo quando estamos em-casa. Temos o eterno desejo de ser-totalmente-em-casa (13).

O Pai é a eterna verdade para o Filho. Nisto consiste a veracidade do Pai. O Filho também é a eterna verdade para o Pai. Sua veracidade é a mesma verdade para o Pai. Ambos o são para o Espírito. E o Espírito também é a eterna verdade para o Pai e o Filho. Nisto consiste a veracidade do testemunho divino. Em qualquer momento em que o Deus trino se manifestar para fora de sua vida comunitária intra-trinitária, ele exprime essa veracidade imanente.

Como todo testemunho humano é feito de ciência, veracidade e comunicação, assim o testemunho divino é a eterna ciência de Deus, sua eterna veracidade e o ato pelo qual Deus decreta, desde sempre, manifestar-se a Si mesmo e seu plano de salvação aos homens. Nesse testemunho divino apóia-se totalmente nossa fé, e em nenhum outro motivo (14).

A nossa fé seria simples, se este testemunho divino nos fosse acessível como os testemunhos humanos. "Deus ninguém jamais viu" [Jo 4,12]. Ele habita em luz inacessível [1 Tim 6, 16]. Ele é o Deus escondido [Is 45,15]. O testemunho humano se nos impõe sobretudo pela presença. Mas quem poderá estar diante da presença de Javé, esse Deus tão santo? [I Sa 6,20]. João insiste que só o Filho, que habita junto ao Pai, o conhece [Jo 1, 1-18], e pode revelá-lo. Numa palavra, Deus é Deus e não é homem [Os 11,9).

A atração do instinto interior

O homem ao crer em qualquer verdade revelada faz um ato de fé, no mesmo ato, no Deus que revela. Porque crê no Deus que revela, crê no que Deus revela. Noutras palavras, o testemunho divino é crido em todo ato de fé como a primeira realidade. Deus, como verdade primeira, é auto-crível, ele é crido em razão dele mesmo. O dom da fé vem a ser a percepção dessa realidade, não como fruto de um raciocínio, mas a modo de uma atração exercida por Deus. Deus, a ver-

dade primeira, nos atrai a ele. Porque somos atraídos, podemos crer.

Esta auto-credibilidade de Deus se nos impõe de modo que num ato de obediência a aceitamos. É um impor-se misterioso, sem a tirania do prepotente, mas na suavidade do dom de amor. Neste jogo de amor, de uma Verdade primeira que nos atrai, que testemunha a si mesma e de nossa liberdade que se deixa atrair, radica o mistério da fé.

Como no testemunho humano há algo que ultrapassa a nossa percepção lógica da razão e que nos leva a aceitá-lo, a modo de uma atração da pessoa que testemunha, assim o testemunho divino nos atrai a si por meio de um "instinto interior", que nos dá a coragem de apoiar-se unicamente na auto-credibilidade de tal testemunho. Todos os argumentos racionais fazem uma função auxiliar. Como todo o conjunto de experiências que tivemos com uma pessoa nos justifica a fé no seu testemunho, mas não dá a sua última explicação. Pois podemos ter argumentos semelhantes para outra pessoa e contudo não aceitamos seu testemunho ou não nos comprometemos da mesma maneira com ela.

No testemunho humano a atração e todas as razões justificantes de nossa adesão não nos livra do risco de nossa aceitação. É na liberdade que aceitamos o testemunho do outro. É sempre um risco. Sempre poderemos ser enganados, porque o outro é um homem, capaz de mentir e de enganar-nos. Parece pois que no testemunho divino não seja necessário o risco. Deus não pode enganar-se e nem enganar-nos. Mas o risco está na nossa percepção do testemunho de Deus.

A nossa adesão de fé se faz no obscuro da atração de Deus. A apreensão de tal atração carece de evidência. Por isso é sempre um risco que só pode ser assumido em liberdade, em decisão consciente. A fé sempre será decisão, cujo fundamento último é o testemunho de Deus, apreendido, crido, na obscura atração da Verdade primeira.

Na fé conjugam-se as ações de Deus e do homem. Deus na sua suprema liberdade nos atrai. Nós, na limitação de nossa liberdade, nos deixamos ser atraídos. Assumimos o risco dessa atração. Nossa liberdade encontra-se sempre em situação. Ela exprime-se sempre dentro das coordenadas do tempo e espaço. A atração de Deus não se faz num instante fora do tempo e do espaço. Quer dizer que Deus nos atrai, como somos, com a nossa psiqué, com toda a nossa história. A nossa liberdade situa-se precisamente entre o puro condicionamento e a pura liberdade. Como liberdade, tem algo de absoluto, incondicionado, portanto, de intemporal e a-espacial. Como nossa liberda-

de, situa-se dentro de situação bem definida, concreta, condicionada, temporal, espacial (15).

A nossa fé pois como decisão livre participa dessa dialecticidade. De um lado tem algo de absoluto, incondicionado. Compromisso responsável em que o nosso "eu" se engaja de modo consciente com todo o risco da liberdade. Mas doutro lado, somos fortemente condicionados. A atração de Deus faz-se sentir no colorido de nossas experiências, de nossas vivências, de nosso horizonte cultural, de nossa hereditariedade global.

Deus esvazia o homem!

O homem nunca poderá de fora julgar seu irmão na legalidade de sua adesão a Deus na fé. As apreensões de Deus podem variar ao extremo e mesmo tomar posições antitéticas. Quando São Paulo nos diz que Deus quer salvar todos os homens [Tim 2,4], revela-nos o plano de Deus em relação aos homens. Nenhum homem estará fora dessa maravilhosa atração de Deus. Ela sempre está presente, mas na obscuridade de toda ação transcendental de Deus.

Onde há polos de tensão, o homem em sua reflexão é sempre tentado a eliminar um deles. Certas reflexões sobre a livre decisão do homem na fé nos parecem falar de um homem irreal, que percebe Deus na sua pureza e se decide por ele. A percepção de Deus sempre será na obscuridade e toda decisão por ele participará da historicidade deformante de cada um de nós.

Outras reflexões acentuam de tal modo o polo da condicionabilidade do homem, que a decisão livre da fé se esvazia. Crer em Deus não passa de projeção, de uma alienação radical.

Na "Vie de Jésus" (1835), D. F. Strauss dizia em substância que os evangelhos eram mitos em que se exprimiam as aspirações do povo judeu. Para L. Feuerbach Deus é um mito onde se exprimem as aspirações da consciência humana. Quem não tem desejos, não tem também deuses. Os deuses são os votos do homem, realizados. Há mais de um século que esta reflexão vem sendo repetida de muitas formas. A fé não passaria de um despossuir-se do homem, para criar um ser em quem personifica tal despojamento de si (16).

Todos os humanistas ateus declararão guerra acirrada contra Deus porque ele esvazia o homem. Decretam sua morte para que o homem viva. Esquecem contudo que com a morte de Deus, a morte do homem está decretada. A psicologia moderna, em muitos de seus autores, tenta explicar a fé como puro condicionamento (17). Em jogo está a própria liberdade humana e não simplesmente a fé. Em temas religiosos, tratados por psicólogos, não raramente se dá extrapolamento.

A análise psicológica, mesmo a da psicologia profunda, não esgota a realidade do ato humano. Reduzir, portanto, o ato de fé a um ato totalmente explicável pelos elementos psicológicos verificáveis e ana-

lisáveis, é desconhecer a dimensão de transcendentalidade do homem e o jogo livre do amor de Deus. Deus sendo causa transcendental não se deixa analisar pelos métodos empíricos. Só é perceptível na fé. Poderá deixar, sim, o psicólogo entrigado com atitudes que superam sua previsibilidade.

Posso não estar com Deus mas sempre ele está comigo

A fé é, portanto, um risco livre na obscuridade da atração de Deus. O risco é assumido na historicidade de nossa liberdade situada. Na sua limitação de liberdade situada não deixa de ser liberdade. Nunca em grau puro, mas sempre liberdade. Tudo aquilo que ajudar nossa liberdade a se purificar, desvinculando-a de entraves e peias, coloca-nos numa atitude de maior possibilidade de crer. Não é fé, mas facilita a possibilidade de crer. A fé será mais pura. Mas também a não-fé será mais responsável, porque mais livre.

A liberdade como toda realidade humana é ambígua, ambivalente. Quanto mais livre o homem for, tanto mais pura é sua fé, se assente e se entrega a Deus. Doutro lado, tanto maior será sua maldade, na medida em que em liberdade se fechar no seu egoísmo radical.

No ato de fé entra em jogo, além da liberdade humana, o dom gratuito de Deus. Quando falamos de dom, vem-nos logo à mente algo que nos vem de fora, deixando-nos intactos no nosso próprio ser. Se ele não viesse continuaríamos o mesmo. O dom é sempre visto como algo extrínseco, acidental, ainda que possa ser importante. Uma amizade é algo importante. Mas ela é fortuita. Em vez de "x", poderíamos ser amigos de "y". São acasos que nos ligam, nos colocam um diante do outro. No correr da vida essas amizades serão importantes, mas poderiam não ter acontecido e nossa vida caminhará.

Mesmo em relação às amizades tal reflexão é superficial. A amizade, o dom humano atinge-nos muito mais em profundidade que o podemos facilmente imaginar. A psicologia profunda tem valorizado sobremaneira a importância do dom afetivo dos pais no plasmar da personalidade da criança. Sobre tudo nos primeiros anos de nossa existência em que somos mais expostos de modo indefeso à influência dos outros, a presença do outro, no seu dom positivo ou na sua negação, é de suma importância. Somos plasmados pelos outros. Muitas marcas serão tão profundas, negativas ou positivas, que nos acompanharão sempre, imprimindo seu sinal em todas as nossas ações (18).

Assim é o dom dos homens ou sua negação. Deus é criador. Deus nos sonda e nos penetra, quer estejamos em pé ou nos assentamos. Quer subamos ao mais alto do céu ou desçamos ao mais profundo dos

infernos, lá Deus nos penetra. Se ele é o Deus que formou os nossos rins e que nos teceu no seio de nossa mãe [Sl 139], que acontecerá em nós quando ele nos chama a apoiar-nos nele no nosso ato de fé? Não é um chamado de fora. Nada de Deus vem de fora. Ele está "mais dentro de mim que o meu mais íntimo e mais elevado do que há de mais elevado em mim" (19). Mesmo quando eu estou fora e busco Deus fora de mim, ele está dentro. Posso não estar com ele, mas ele sempre está comigo (20).

A palavra muda do existir

O chamado de Deus plasma nossa inteligência e vontade. É um chamado ontológico. A nossa estrutura intelectual-volitiva é atingida pelo apelo divino a si. Noutra palavra, a graça de Deus afeta psicologicamente a estrutura consciente intelectual-volitiva do ato de fé. Ela

tem ressonância psíquica na consciência do homem que crê em Deus. Pelo ato de fé, conhecemos de modo novo, pois recebemos de Deus um dinamismo novo, interno, que produzem atos vitais tendentes a uma comunhão íntima com Deus trino.

O chamado de Deus que nos penetra em tal profundidade que podemos comungar com ele numa amizade íntima de filiação. Somos colocados no nível da própria vida divina na sua intimidade transcendental. Por isso a fé é o início da vida definitiva em comunhão com Deus. Implica um novo conhecimento e amor em relação a Deus. Conhecimento que agora se faz "num espelho, de maneira confusa, mas então será face à face. Hoje conhecemos de maneira imperfeita, mas então conheceremos como somos conhecidos" [1 Cor 13, 12].

Este chamado ontológico já está feito a todos os homens. Nenhum homem concreto se encontra no mundo para um simples conhecimento abstrativo de Deus através das coisas criadas. Todo homem é chamado a realizar seu desejo de Deus de modo absoluto no próprio Deus, em íntima comunhão com ele. Existindo esse chamado fundamental de Deus a todo homem, é possível que pequeno acontecimento, uma palavra, um gesto, um mínimo sinal desperte o homem para Deus. A graça invadiu a estrutura do mundo. Qualquer criatura pode ser sacramento de Deus, já que ela está prênhe de Deus e o homem, na sua estrutura psíquica, pode atualizar esse dinamismo para Deus (21).

Nessa perspectiva, podemos entender a nossa responsabilidade na fé de nosso irmão. Ele já está chamado para a comunhão íntima com Deus. Está ontológica e psiquicamente marcado por tal chamado. Necessita concretizá-lo, atualizá-lo. Na nossa pequenez podemos ser alguém que o ajude a tal concretização, despertando-o para Deus através de nosso viver.

A palavra muda do existir e viver cristãmente estará despertando em nosso irmão esse chamado fundamental. Isto para nós é motivo de contínua esperança em nossa atividade apostólica. Estamos seguros que nunca aproximaremos de alguém totalmente bronco para Deus. Nele há um chamado profundo. Talvez coberto de muita ganga de negligência, descuidos, pecados. Mas o chamado continua lá. Nosso zelo apostólico nos deveria fazer despertos para ajudar acordar em nosso irmão esse apelo de Deus.

Viver o livre risco de nossa fé é explicar em nossa vida a estrutura crística do mundo (22). Ela antecede nosso existir. Ela precede nosso agir. Cada ação cristã de nossa parte torna-a mais patente aos homens. Assim o risco livre da fé deixando-nos atrair na obscuridade do chamado de Deus é maravilhoso serviço a nosso irmão que está à espera de tal apelo.

N O T A S

- [1]. W. H. van de Pol, O fim do cristianismo convencional, Trad. bras., Herder São Paulo 1969.
- [2]. Y. Congar, La foi et la théologie, [Le Mystère Chrétien], Desclée, Tournai 1962; J. Alfaro, Fides, Spes, Caritas. PUG, Romae 1968.
- [3]. F. Jalics, El encuentro con Dios, ad Instar manuscripti, San Miguel [B. Ayres] 1968.
- [4]. J. Bockenhoff, Die Begegnungsphilosophie, Freiburg-M ü n c h e n 1970; O. F. Bollnow, Pedagogia e Filosofia da Existência, trad. bras., Vozes, Petrópolis 1971; M. Buber, Werke, I. Schriften zur Philosophie, München 1961; A. Guggenberger, Pessoa, em: H. Fries, coord., Dicionário de Teologia, trad. bras., Ed. Loyola, S. Paulo 1970, IV, 239-252.
- [5]. J. A. T. Robinson, In the End God London, 1968.
- [6]. J. Comblin, O provisório e o definitivo, Herder, S. Paulo 1968.
- [7]. M. Oraison, L'union des époux, Paris 1956.
- [8]. G. Cruchon, L'heure du choix, em: NouvRevTh 92 [1970] pp. 365-383; R. Rogers, Tornar-se pessoa, trad. port. Moraes, Lisboa 1970. V. Costa, Sexo e maturidade, Vozes Petrópolis 1969.
- [9]. A. Plé, Vie affective et chasteté, Paris 1964.
- [10]. G. Santinello, Esistenzialismo, em: Enciclopedia Filosofica [Centro di Studi filosofici di Gallarate], Firenze 1968, II, 971-981.
- [11]. DS 3031.
- [12]. Mysterium Salutis. B. II Die Heilsgeschichte vor Christus, Einsiedeln Zürich Köln 1967.
- [13]. K. Rahner, L'homme à l'écoute du Verbe, trad. Fr. Paris 1968.
- [14]. J. Alfaro, Fides, Spes, Caritas, PUG, Romae 1968, com amplíssima indicação bibliográfica.
- [15]. R. Guardini, Liberté, grâce et destinée, trad. fr., Paris 1967; Signification humaine de la liberté, Paris 1962; O. Vilela, A pessoa humana no mistério do mundo, Vozes, Petrópolis 1971, pp. 225-266.
- [16]. H. de Lubac, Le drame de l'humanisme athée, Paris 3-1945, pp. 24-25.
- [17]. L. Beirnaert, La psychanalyse et l'athéisme, em: L'Athéisme dans la vie et la culture contemporaine, Tournai 1967, I/1, pp. 253-268.
- [18]. L. Beirnaert, Expérience chrétienne et psychologie, Paris 1964.
- [19]. S. Aug. Conf. III, 6, 11.
- [20]. S. Aug. Conf. X, 27. 38.
- [21]. L. Malevez, Théologie et philosophie: leur inclusion réciproque, em: Nouv. RvThéol. t.93 [1971] pp. 113-144.
- [22]. L. Boff, Jesus Cristo Libertador, Vozes, Petrópolis 1972, pp. 268-285.

A SALVAÇÃO

CAETANO M. DE TILLESSE

Tanto o tema da eleição como este, conexo, da aliança fundam-se na salvação divina. É a intervenção decisiva de Yahvé arrancando seu povo do Egito que o constitui povo de Deus e é a mesma convicção de que só Deus é capaz de salvar Israel que motiva a escolha do povo no momento da aliança. (Jos 24, 17-18). A aliança assim como a eleição garante aliás essa salvação de Deus para o futuro. É sua razão de ser. É, pois, necessário compreender bem a importância desta noção.

SÓ DEUS PODE SALVAR

Uma preocupação constante de toda a história bíblica é a de mostrar ao homem, provar-lhe que Deus só, que criou o mundo, é também capaz de completar sua criação, isto é, salvá-la. Salvar é a glória essencial de Deus e disso ele faz questão (Is 42, 8). Foi ele que tudo fez, foi ele que salvou Israel do exílio babilônico. Não quer que

se atribua a Marduc ou a qualquer ídolo, a epopéia da volta. Só ele castigou seu povo, e foi ele que, logo depois, o fez voltar a seu país.

Se Deus é de tal modo ciumento de sua glória, não é porque ela lhe acrescenta alguma coisa. É unicamente porque ele ama seu povo e desejaria salvá-lo. É o desejo e o único plano de Deus através de toda a revelação. Mas Deus não pode,

Deus não quer salvar o homem contra sua vontade. Seria tirar-lhe sua dignidade, tratá-lo como uma criança e não como um adulto. Ora, Deus tem infinito respeito, um respeito desconcertante, um respeito divino da vontade ainda que pecadora do homem. Deus respeita o pecado do homem: não o violenta.

Quando o filho pródigo quer deixar seu pai para fazer, ele mesmo, sua vida, Jesus nos diz que o Pai consentiu sem objeção e lhe deu até sua parte da herança para que pudesse fazer como desejava (Jo 13,27). Deus deixa o homem partir quando ele quer. Não o violenta jamais. Mas chora então em silêncio como o Pai do pródigo, porque sabe bem que só ele pode salvar o homem que ele ama, e que, separado dele, o homem só pode morrer.

ELEIÇÃO DE ISRAEL

A revelação de Deus na Bíblia é uma manifestação da **salvação** divina. É nesse contexto que se coloca a eleição de Israel. Por que Israel foi escolhido entre todos os povos da terra para ser o povo particular de Yahvé? Foi por um amor de preferência, uma espécie de "amizade particular" que fez Yahvé amar Israel e não se interessar pelos demais povos?

Não, se Yahvé escolheu gratuitamente Israel, foi por uma única razão: Israel estava especialmente apto para ser salvo. Foi porque Israel era escravo no Egito e que, humanamente falando, sua condição era desesperada. Foi por isso que

ele pôde tornar-se um instrumento de eleição para a revelação da salvação divina.

A hora de Deus não soa senão quando o homem chegou à extremidade da espiral e que **ninguém** pode salvá-lo do abismo. Deus pode então revelar, por sua intervenção decisiva, que só ele é capaz de salvar verdadeiramente. É pois necessário que a libertação do Egito seja levada a cabo. É preciso toda a teimosia de Faraó. É preciso que todo o poder do Egito se ponha em movimento contra esse povo, para que se possa revelar o poder irresistível da salvação divina. Humanamente falando, era uma situação limite. Foi então que Yahvé pôde intervir. Também a teimosia de Faraó esteve a serviço da glória de Yahvé (Êx 10, 1-2).

Esta expressão aparece frequentemente na Bíblia: "Para que saibais que sou Yahvé" significa precisamente: para que saibais que só Eu sou Deus e só Eu sou capaz de vos salvar.

No Egito, se o Faraó tivesse cedido no primeiro momento, todo o mundo teria atribuído à magnanimidade de Faraó a libertação dos Israelitas. Foi preciso que Faraó, uma das maiores potências da época, tudo movimentasse contra os hebreus, para que se pudesse manifestar todo o poder invencível da salvação divina.

D E S E R T O

É sempre nas situações humanamente desesperadas que Deus poderá revelar sua salvação. Assim a

longa caminhada de quarenta anos através do deserto se tornará o lugar privilegiado da reunião espiritual de Israel (Deut 8, 2-3). O deserto é uma região desolada, onde não existe salvação humana (Deut 8,15). Mas é precisamente por isso que o deserto era o lugar sonhado para manifestar a salvação de Deus.

Essa salvação divina começa quando cessa a salvação fabricada por mão de homem. Yahvé convida seu povo para se lembrar incessantemente desta experiência do deserto onde o povo vivia unicamente da graça de Yahvé. Não há no deserto nem pão, nem água, nem coisa alguma do que seria necessário para assegurar a subsistência humana, e, entretanto, durante quarenta anos, Deus assegurou milagrosamente a subsistência de seu povo (Deut 8, 14-16).

O objetivo da prova é claramente indicado por Deus: é a fim de te experimentar e de te humilhar **para que teu futuro seja feliz**. Objetivo final de Deus é sempre a felicidade do homem. Mas, para que o homem possa chegar à maturidade de sua felicidade, é necessário que ele saiba claramente onde se encontra a fonte dessa felicidade.

A experiência do deserto deverá ser a chave do destino de Israel. Mais tarde, no decorrer de sua história, Israel se lembrará desta experiência do deserto, onde Yahvé o salvou além de toda esperança humana, e, compreenderá que Yahvé é ainda capaz, ele só, de salvá-lo hoje.

Yahvé o salvou e o levou sobre as asas de águia, quando nenhum outro "deus" podia ajudá-lo, quando nenhuma outra salvação existia, para lhe mostrar que o homem não vive somente de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus.

DEUTERO-ISAIAS

O Livro da Consolação (Isaiás, 40-55) prolonga o tema do Êxodo. No capítulo 43 do livro de Isaiás, no centro das profecias, relativas à volta do exílio de Babilônia, Yahvé se dirige vivamente a seu povo, que não quer compreender que só Ele o salva: Isaiás 43,1-3 (ver o texto).

Os textos se multiplicam no segundo Isaiás. Seria necessário lê-los à vontade. São de um poder irresistível. Só Yahvé é Deus. Todos os outros deuses do mundo, os ídolos, são nada: **porque são incapazes de salvar**. E Yahvé, em um gesto magnífico, reúne seu povo, e desafia o universo inteiro. Convoca uma assembléia geral de todas as nações para um grande julgamento popular. Os acusados serão os deuses das nações. E Yahvé os provoca (ler Is 41, 21-24).

Todos os deuses falsos estão aqui convocados em julgamento. Devem

apresentar suas pretensões e justificar seus títulos divinos. Mas eles não têm nenhum. O fato de serem absolutamente incapazes de revelar o futuro prova que não são eles os que **criam** esse futuro. São portanto incapazes de salvar. Diante de toda a assembléia das nações são convencidos de impostura. Não são deuses, são nada e aqueles que lhes prestam homenagem correm atrás do vento.

Vem logo a vez de Yahvé de ser julgado diante do tribunal popular do universo inteiro. Mas ele não se preocupa de apresentar sua defesa. Israel é, no meio dos povos, a testemunha das obras que Yahvé tem realizado em seu favor (Is 43, 10-12).

Voltamos a uma idéia que já temos reencontrado na teologia da Igreja. A Igreja é na terra a testemunha do Ressuscitado. É pela Igreja que a terra inteira deve reconhecer a realeza e o poder do Ressuscitado. A mesma idéia é aqui desenvolvida: é porque Israel foi o beneficiário insigne da salvação divina que deve ser em face do universo inteiro a testemunha de Deus.

A mesma idéia estava já contida na promessa de Abraão: todas as nações da terra serão benditas em ti, isto é, que vendo até que ponto Abraão foi cumulado de felicidade e de salvação por seu Deus, todos os povos da terra se esforçarão por aproveitar dessa mesma salvação. No mundo atual, igualmente, os cristãos são as testemunhas de Deus. São aqueles que levam já neles mesmos a efígie da glória di-

vina e a vida do Ressuscitado, e por isso sua missão essencial é a de ser até o fim do mundo as testemunhas de salvação que Deus realizou neles.

MORTE E RESSURREIÇÃO

Nós apreendemos aqui todo o paradoxo da salvação divina. A salvação de Deus só se pode revelar em uma situação desesperada, no deserto, na escravidão, na doença. Mas tudo isso não basta. Enquanto não há senão pobreza, exílio, doença ou fome, causas naturais poderiam explicar o reverso e a volta da fortuna. Enquanto há vida há esperança. E enquanto Deus não houver ainda **ressuscitado os mortos** não terá ainda verdadeiramente manifestado sua salvação.

Há uma única situação em que ninguém mais é capaz de salvar, e é a morte. A morte é a negação mesmo da salvação. Nesse momento, o homem perde todo o poder sobre si mesmo e ninguém nada mais pode por ele. Mas esse momento, e nesse momento **sobretudo**, Deus é ainda capaz de ressuscitar o homem e de lhe restituir a plenitude de sua salvação. Deus que criou do nada o mundo, é ainda capaz de recriá-lo de novo, quando o pecado do homem o tiver levado ao caos e ao nada.

Quando Deus ressuscitar um morto, terá revelado plenamente sua salvação. Sem dúvida, no Antigo Testamento, há já algumas ressurreições de mortos. Mas eram unicamente imagens, porque Deus se contentou com chamar, por alguns

anos, a sua vida miserável e mortal, certos privilegiados. A verdadeira ressurreição será aquela em que Deus concederá a verdadeira vida do Cristo e de todos os homens em plenitude. Será a ressurreição nele.

Quando Deus ressuscitar o Cristo, terá manifestado de maneira decisiva e evidente, em face do mundo inteiro, que só Ele é capaz de salvar aqueles que invocam. Ninguém, senão ele, poderia realizar tamanha salvação. Só essa salvação é definitiva. Todas as outras "salvações" humanas se detêm com a morte. A morte põe fim a toda es-

perança humana. Ora, nesse momento, Deus é ainda capaz de salvar, de recriar um universo novo e magnífico, do qual nosso mundo era apenas imagem.

Para terminar, é necessário reler a descrição poderosa dessa salvação tal como está descrita no capítulo 37 de Ezequiel. Dirige-se a Israel no momento do exílio, em uma época em que Israel estava completamente desanimado e em que ele se julgava rejeitado por Deus e em que lhe parecia que nenhum porvir se lhe abria na frente. (ler Ez 37, 1-14).

A PROBLEMÁTICA MONÁSTICA E VOCACIONAL NA AMÉRICA LATINA

Dom Pedro Alurralde

*Prior para os Mosteiros
da Argentina, Uruguai e Chile*

1. INTRODUÇÃO

É, de certa maneira, temerário pretender abranger a situação monástico-vocacional latino-americana em poucos minutos e sem poder contar com todos os elementos de apreciação imprescindíveis para um estudo ponderável e cientificamente de valor. Preferimos, então, apresentar simplesmente algumas reflexões nascidas da leitura e da análise das respostas ao questionário enviado às nossas comunidades monásticas. Trata-se de um material interessante e valioso porque expressão de uma **situação concreta e real** de nosso monaquismo, com toda uma gama de orien-

tações, com suas qualidades e virtudes, e também, é lógico, com suas limitações.

Estamos convencidos de que nos reunimos aqui não só para pronunciar conferências, apresentar soluções e tirar conclusões, mas também e sobretudo para ver os problemas, levantar as interrogações que serão, muitas vezes, dolorosas e cruciantes. Comunicando assim nossas experiências com sinceridade, sem pretender soluções miraculosas, voltaremos a nossos mosteiros mais conscientizados dos **problemas que afetam o monaquismo hoje**, e igualmente mais confirmados e otimistas com respeito a nossa vocação comum.

2. TEMA

Desenvolveremos agora quatro questões que correspondem, em linhas gerais, às perguntas do questionário acima mencionado. Não será demais insistir que falaremos apenas de alguns dos aspectos destas questões que nos pareceram de maior interesse e de maior atualidade.

1.^a Quem são os postulantes que chegam aos nossos mosteiros?

2.^a Como são os postulantes que chegam aos nossos mosteiros?

3.^a Que buscam os postulantes em nossos mosteiros?

4.^a O que podemos dar àqueles que procuram ingressar em nossos mosteiros?

Ao tratar cada um destes aspectos, levantaremos uma série de temas para serem discutidos em pequenos grupos e suas conclusões serem depois apresentadas em plenário.

Quem são os postulantes

Chama, de imediato, a atenção, a relativa uniformidade dos questionários respondidos com relação à procedência das vocações. Grande parte dos postulantes provém dos **centros urbanos e suburbanos** e pertencem ao que poderíamos chamar, em sentido amplo, **classe média**, e, como consequência, são **estudantes com estudos secundários** ou seus equivalentes. Alguns também com estudos universitários. Nem todas as respostas dizem isto,

mas se conclui que as vocações da classe alta e popular são menos frequentes e mais raras.

Estas constatações nos parecem importantes — haveria muitas outras para se fazer — para podermos localizar no hoje do monaquismo latino-americano que, sob este aspecto, não difere muito do europeu, por exemplo. É verdade que a vocação monástica, com seu substrato de fé, não pode ser avaliada unicamente com um critério sócio-cultural. Entretanto, este critério não deixa de ser importante, junto deste fato: **a falta de informação e de conhecimento em nossos países, do papel desenvolvido pelo monaquismo na Igreja, e ainda junto à carência de uma tradição monástica (excetua-se o Brasil) masculina.**

Este desconhecimento do monaquismo no povo cristão, trás uma identificação do monaquismo com outros tipos de vida religiosa e com a mesma vocação sacerdotal, seja secular seja regular. Neste panorama confuso, muitas vocações de origem popular, sobretudo em regiões em vias de desenvolvimento cultural e social, buscam alcançar, atra-

vés da comunidade monástica, um status como o status do sacerdócio que, ao menos até agora, representava humanamente uma promoção. Isto significa, uma possibilidade de utilizar consciente ou inconscientemente o monaquismo, simplesmente como um meio, o que gerará posteriormente uma conseqüente insatisfação, desubiquação e até frustração.

Não vamos dar demasiada ênfase a esta constatação, uma vez que diminuiu ultimamente, de maneira lenta, mas crescente, este tipo de vocação, na medida em que aparecem outras instituições mais capacitadas para realizar uma promoção integral e mais adequada, sem exigir em troca, compromissos de nível vocacional.

Simultaneamente a esta situação, começam a aparecer vocações para monges — não necessariamente sacerdotais — escassas e impregnadas de um idealismo teórico, porém, bem motivadas intelectualmente. Sintetizando: diminuem as vocações interessadas sócio-culturalmente, que davam anteriormente aos mosteiros certa dimensão popular, (era o caso dos irmãos leigos tradicionais) e qualitativamente (e não quantitativamente) ocorrem vocações que optam pela vida monástica como uma opção que relativiza valores sócio-culturais que já possuíam anteriormente.

Por conseguinte, num continente em vias de desenvolvimento estaria se instalando paradoxalmente um monaquismo cada vez mais desenvolvido intelectualmente? Seria como que um abismo entre o cristianismo popular e o cristianismo mo-

nástico, justamente na América Latina? Para não ser assim, como encarar a integração das vocações num mosteiro aberto e pluralista, de vida sincera e simples, como a descreve São Bento, numa Igreja cada vez mais exigente de aperfeiçoamento na fé, assentado sobre uma sólida formação humana e cristã, sem provocar discriminações e marginalizações que nos levem insensivelmente a esquemas aparentemente superados?

Como são os postulantes?

Referindo-se à juventude atual e aos seus modos e às suas modas, corremos o perigo de repetir uma série de adjetivos conhecidos de todos, queremos dizer, falar de uma juventude autêntica, espontânea, sincera, generosa, sem preconceitos. A dificuldade está em nos perguntar e responder: Enumerando estas características, manifestamos realmente verdadeiro conhecimento e compreensão dos problemas que afetam os jovens de hoje?

A juventude que chega aos nossos mosteiros provém de um **mundo pluralista e em transformação radical**, mundo em profunda mudança política, sócio-cultural e religiosa. Como todo processo de transformação, exige um período crítico de desenvolvimento. Este crescimento até a maturidade é, em nosso continente latino-americano, marcadamente vital, cheio de dinamismo, e também, anárquico, explosivo, desarmônico, polifacético, explosivo, desarmônico, polifacético. **Trata-se de um mundo adulto, porém, não amadurecido**, que não atingiu a maturidade.

A juventude, produto deste mundo, sente, conseqüentemente, liberada num estágio de dependência infantil, deixando de lado complexos e inibições para entrar em questionamentos e em rebeldia da adolescência, com certa tensão angustiada. O fato de se encontrar num mundo secularizado, convulsionado política e socialmente, profundamente influenciado pela sociedade de consumo, torna a juventude receiosa e desconfiada.

Por outro lado, os meios de comunicação, o culto à personalidade e a realização pessoal, o desenvolvimento da ciência e da técnica e a crítica racionalista, tornam esta mesma juventude cada vez mais exigente e desafiadora.

Na juventude de hoje acontece uma inquietude de Deus, porém, associada a uma **profunda sensibilidade social** para com aqueles que sofrem. Uma **verdadeira rebeldia face às injustiças**. Tendo consciência de que estas injustiças são provocadas pela contextura sócio-política e econômica de nossa sociedade, os jovens buscam a mudança e também a renovação na vida da Igreja. Receiam unir-se à Igreja, não pelo aspecto comprometedor que possa ser viver cristãmente, mas pelo contrário, porque lhes parece que a Igreja está comprometida, muitas vezes, com uma ordem político-econômica injusta.

Autenticidade, amor aos que sofrem, paixão pela igualdade, busca de soluções naqueles que podem dá-las, cremos ser os valores que a juventude busca e sinteticamente abrange os questionamentos que levanta. Ao mesmo tempo, tem **clara consciência do seu papel renovador no mundo** e se entrega totalmente aos seus ideais. Não quer, todavia, ser um slogan mas viver cristãmente.

Dois aspectos ambivalentes queremos destacar especialmente na juventude de hoje. O primeiro refere-se à desproporção entre a formação científica e técnica e a maturidade afetiva, talvez por causas sociais e familiares. **Sentem dificuldade para amar** e esta dificuldade vem associada a um desejo e a uma necessidade de conseguir realização afetiva. É uma situação que é preciso tê-la sempre presente porque, quando os postulantes ingressarem num regime de família monástica, serão mais sensíveis e exigentes com esta dimensão.

O segundo aspecto refere-se à "eficácia", à ação, à atividade. **Uma necessidade imperiosa de agir, de fazer**, uma moral da ação. A maioria dos jovens a sente.

Pensamos que à luz destas reflexões um tanto díspares, de como nos parece ser os jovens de hoje, já podemos levantar algumas perguntas para serem tratadas e debatidas em grupos.

Numa sociedade em mudança e diante de um futuro incerto, não se levantam, com urgência, a necessidade e a dificuldade de motivar o valor de um compromisso definitivo como é o compromisso da vida religiosa? Que experiência podemos trazer com relação ao monaquismo temporário?

Como possibilitar para a juventude que vive o culto da ação e da atividade a vivência de uma vida monástica centrada num dinamismo feito de vida de oração em comunidade, e que seja também simultaneamente atividade irradiante? A existência de um monaquismo latino-americano nem estático nem estratificado, mas dinâmico e aberto, sempre fiel à exigência do silêncio onde amadurece a oração e da intimidade onde se realiza a comunidade, não nos estará dando pistas de reflexão para a elaboração de uma incipiente teologia do monaquismo latino-americano?

Como canalizar e motivar a vocação contestária dos jovens na dimensão e na função profética tão específica do monaquismo?

Que buscam os jovens?

Esta juventude a que nos referimos, seja em suas virtudes seja em seus defeitos, busca em primeiro lugar uma **autêntica experiência de Deus** ao se aproximar de nossos mosteiros. Partimos logicamente do pressuposto de uma vocação incipiente. Supõe uma experiência na fé e uma vivência dos valores evangélicos por parte da comunidade instalada, sem interro-

gações, temerosa ou resignada, porém, no fundo, satisfeita de si mesmo. Esta juventude não deseja uma comunidade arcaica ou uma instituição legalista, parte de um mundo ou de uma civilização superados. Esta juventude busca se comprometer com **uma comunidade comprometida na atual renovação eclesial**.

Espera que esta comunidade seja individualmente, em seus membros indivíduos, seja coletivamente, vibre com sua sensibilidade pela igualdade e pela participação. Que seja uma comunidade pascal verdadeiramente, onde os jovens (a juventude não é uma idade mas um estado de espírito de vida) possa integrar, na fé, seus grandes ideais de justiça, de paz, de pobreza, de solidariedade. Os jovens buscam uma **comunidade profética** onde possam fazer coro com sua voz sincera e generosa. Uma juventude que sente a necessidade de atuar, espera encontrar uma comunidade possuída por um dinamismo de caridade cada vez mais exigente.

Os jovens postulantes, face a uma sociedade alienada e cada vez mais desumana, buscam encontrar um profundo respeito pela digni-

dade da pessoa humana, pela liberdade de espírito e, num ambiente de simplicidade evangélica, buscam realizar plenamente o **humanismo cristão**.

Querem, ao receberem confiança e compreensão, que não sejam bitolados com fórmulas prefixadas. Querem ouvir a verdade sobre a crise que está sofrendo a vida religiosa, sem pretender ocultá-la com uma piedosa cortina de fumaça. Querem ser respondidos sem enganos nem evasivas. Nosso monaquismo, às vezes, irradia pouco e está desvinculado da realidade eclesial.

A juventude busca sobretudo uma comunidade comprometida com Deus. Espera encontrar nela homens com experiência de Deus. Homens que no **silêncio** vivido aprenderam escutar, para depois comunicar, a Palavra que é sobretudo exemplo e que nasce de um encontro pacificador. Homens especialmente no diálogo com Deus.

Homens que no **sacrifício** vivido generosamente, descobriram a esperança libertadora que já começa a ser realidade.

Homens que na solidão não se esterilizaram nem se endureceram, pelo contrário, se abriram e se amadureceram para o amor.

Buscam um mosteiro em caminho, em rota. Buscam uma comunidade à procura, com humildade e com vacilações, sem desviar todavia de um ideal claro e definido, de uma motivação séria de sua vocação. Não receiam então embarcar nesta aventura que é toda e qualquer vocação na fé. Não receiam se com-

prometer com a vida monástica que irá educando esta fé e levando a uma sempre maior intimidade com Deus numa vida de oração alimentada pelo fogo da caridade.

Parece que os valores monásticos vão sendo descobertos gradualmente pelos postulantes na proporção em que tomam contato com a comunidade e vai se configurando a intimidade com ela (responsabilidade educadora da comunidade).

Uma vocação só se realiza num mosteiro concreto e não é resultado de um conjunto de exigências a priori. Então o que configura um ideal monástico abstrato? Seria o mosteiro o sacramento da vocação? Que implicações práticas traria esta afirmação?

O que daremos aos postulantes?

A resposta a esta pergunta brota de tudo o que se expôs nos temas anteriores. Como estamos todos de acordo — assim — acreditamos — que os postulantes vêm a nossos mosteiros em busca de Deus e da possibilidade de uma experiência de Deus em Cristo, que somente se verifica na fé, devemos, então, em primeiro lugar: **educá-los na fé.**

Esta educação não se realiza primordialmente por meio de exortações e cursos de monaquismo mas e sobretudo com a **entrada do postulante no dinamismo de uma comunidade de crentes** que está centrada, quase abssionada, na busca do encontro com Deus vivo. Falar de fé é falar de luzes e som-

bras, de tristezas e de alegrias, de depressão e de euforia, de solidão e de plenitude, de caminho e de reencontro. É recorrer à coragem e à doação para reconstruir cada dia uma fidelidade que nos é proposta gratuitamente e a uma reconciliação que também é um dom.

Os jovens de hoje entendem esta linguagem perfeitamente. Pedem-nos, entretanto, algo mais: que às palavras correspondam uma **coerência de vida**. Por exemplo: que ao ingressar numa **comunidade orante**, não seja apenas o mestre de noviços (às vezes) e algum outro velho monge que rezem, mas toda a comunidade que jararquiza e valoriza a oração seja qualitativamente seja quantitativamente. Que se encontrem com verdadeiros **centros de espiritualidade** e de animação da liturgia, onde todos e cada um são verdadeiros **dispensadores da Palavra de Deus**.

Que permanentemente (e não só para classes e sermões) entrem em contato e se sintam interpelados por esta palavra. Que se fale de celibato, de pobreza, de obediência como para homens amadurecidos e não amargurados e não como para crianças. Que se fale de **realização afetiva**. Que sejam homens que conseguiram tal afetividade primordialmente na comunidade. Que se são monges de uma comunidade saibam integrar os dois aspectos de sua vocação: a solidão e a capacidade de comunicação.

Tudo o que dissemos a respeito da comunidade, é lógico, aplica-se também ao mestre de noviços que deve ser um homem de experiên-

cia espiritual, enamorado de Cristo e de sua vocação, porém, não absolutiza nela. Que não tenha medo de ser contestado, em sua pessoa, em sua vocação, em sua comunidade. Que, sem menosprezar ou subestimar os esquemas e as estruturas, saiba revitalizá-los e jerarquizá-los. Que eduque dando responsabilidades. Que simpatize com a juventude sem fazer demagogia. E insistimos, sobretudo que seja um homem de oração. Que demonstre com sua vida que a oração é personalizadora e realizadora e que leva ao encontro com Deus e com a comunidade dos irmãos.

Dadas estas premissas fundamentais, nem sempre consideradas suficientemente, podemos agora perguntar:

— Existem centros de formação para formadores monásticos na América Latina?

— Como emoldurar uma sólida formação teológica, espiritual e escriturística, tão necessária aos ambientes onde frequentam nossos estudantes, ambientes muitas vezes com orientações e inquietudes divergentes e, até mesmo, contrárias a nossa vocação?

— Não se poderia constituir centros regionais latino-americanos, não apenas para os estudos teológicos, mas também para o estudo dos valores atuais da Regra de São Bento e da Teologia Monástica na América Latina?

3. CONCLUSÃO

Depois de haver analisado aspectos distintos da problemática vocacional latino-americana e de

ter levantado para discussão comum algumas questões concretas que nos pareceram de especial interesse, podemos concluir dizendo: **É dentro de nossas próprias comunidades que se encontra a possibilidade de uma solução:**

— Num contexto comunitário favorável às inquietudes do homem de hoje e sobretudo aberto à ação do Espírito.

— Em comunidades que sejam verdadeiros **sacramentos de reconciliação.**

— Na alegria, na confiança, no otimismo que nos dão nossa fé.

Assim, os jovens há de nos descobrir como sacramentos de sua vocação, e vocação eminentemente profética. Que possam dizer aos homens de nossa América, como Isaías: "Sobre a atalaia, estou firme no correr do dia, e em meu posto de guarda, inabalável, noites inteiras" Is 21, 8. E a sentinela responde: "Chega a manhã e depois a noite. Se querem perguntar, voltem outra vez" Is 21, 11-12.

O SABER ESCUTAR NO MOMENTO ATUAL DA IGREJA E DA VIDA RELIGIOSA

VILMA MOREIRA DA SILVA, FI

Nosso mundo caracteriza-se pelo **fenômeno da descoberta** em todos os campos e em todos os sentidos. E é também um mundo de **redescoberta**.

Cansado do ruído, das imagens, dos sons, da civilização do lazer, às vezes, tão dinâmica, o homem moderno sente necessidade de parar, de refletir, de interiorizar, de aprofundar no mistério de Deus, dos homens, dos acontecimentos, das coisas.

Pouco a pouco, começa a redescobrir dimensões de vida aparentemente esquecidas. Uma delas é a da ESCUTA... Escuta a Deus...

o Verbo... o Silêncio... os Acontecimentos e os Sinais dos Tempos... os Irmãos... o Espírito... "Deus nos espera lá onde estão as raízes", escreveu Rainer Maria Rilke (1). Para chegar às **raízes** e descobri-lo, é preciso abrir o coração, "desarmar-se"... É preciso **escutar**... simplesmente... gratuitamente...

I — VINDE E VEDE

A Escuta, na Bíblia, possui etapas. Algumas vezes, a fim de atestar sua Palavra, Deus toma a iniciativa e demonstra **ver** a aflição do povo e **vir** em sua ajuda. Assim, na teofania da sarça, diz a Moisés:

“Eu vi, eu vi a aflição de meu povo que está no Egito e ouvi seus clamores por causa de seus opressores. Sim. Eu conheço seus sofrimentos. E vim para o livrar das mãos dos egípcios” (Ex 3,7-8).

Outras vezes, como, por exemplo, ao exortar Israel à obediência, convida-o a **ver** as maravilhas que ele realiza em seu favor:

“E agora, ó Israel... vê: ao Senhor teu Deus pertencem os céus e os céus dos céus, a terra e tudo o que nela se encontra... Ele é a tua glória e o teu Deus, que fez por ti estas coisas grandes e terríveis, coisas que viste com os teus olhos” (Deut 10, 12; 14; 21).

Conhecer a Deus é ver seus feitos, compreender quem é ele, aceitar sua aliança de amor:

“Vou fazer uma aliança contigo. Diante de todo o teu povo farei prodígios como nunca se viu em nenhum outro país, em nenhuma outra nação, a fim de que o povo que te cerca veja as obras do Senhor, que faço por meio de ti. Sê atento ao que te vou ordenar hoje” (Ex 34, 10-11. a).

Deus vê a aflição do povo e vem em sua ajuda. O povo contempla com seus próprios olhos a obra do Senhor e se decide a escutá-lo; a crer nele, respondendo, na Fé.

A Fé é, antes de tudo, um **encontro de pessoas**. Basta tomarmos o primeiro capítulo do Evangelho de São João e recordar o encontro de Cristo com os primeiros discípulos.

Desde o sacrifício de Isaac (Cfr Gên 22,7-8), os homens tinham começado uma lenta peregrinação pelos séculos afora, em busca do único Cordeiro do único sacrifício. João Batista o vê, no meio da multidão, e diz a seus discípulos: “Eis o Cordeiro de Deus”. Dois deles ouvem-no e seguem a Jesus.

— Mestre, onde moras?

“**Vinde e vede**”...

Foram, viram e ficaram com Ele. E João nunca esqueceu que “cerca da hora décima” se deu o **grande encontro de sua vida** (Cfr Jo 1,30-39). Começa aí aquela “reação em cadeia” (2) que vai de um discípulo a outro: — “Achamos o Messias”... — “**Vem e vê**”, diz Felipe a Natanael (Cfr Jo 1,43). É que **a pessoa é conhecida a partir da vida**. É preciso primeiramente ver, encontrar alguém, acolhê-lo, ouvi-lo. Depois disso é possível crer nele, anunciá-lo, testemunhá-lo. Assim, a Samaritana, depois de aceitar ser “desmascarada” por Cristo através de um diálogo que a recria, vai dizer ao povo de Sicar: — “**Vinde e vede**”... Encontrei um homem que me revelou a mim mesma... O povo vai, vê, escuta, aceita e responde a Cristo com a Fé (Cfr Jo 4,29-42). A Fé no Cristo se traduz no **testemunho**, como escreve São João:

— O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida — porque a vida se manifestou, e nós a temos visto; damos testemunho e vos anun-

ciamos a vida eterna, que estava no Pai, e que se nos manifestou — o que vimos e ouvimos nós vos anunciamos para que também tenhais comunhão conosco (1 Jo, 1,1-3.^a)

Para cada um de nós, como para Moisés, a Samaritana ou João Evangelista, existe um **momento de sarça...** do “kairós” de Deus... Um tempo em que Ele intervém diretamente em nossa vida, nos chama pelo nome e nos diz: — **Vem e vê...** Eu te ofereço a Água Viva. Se quiseres... Entretanto, é preciso estar atento... É preciso **ESCUTAR...**

II — ESCUTAR A DEUS

O israelita, e, portanto, Jesus Cristo, repetia diariamente o “Shemá, Israel”: “Ouve, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor! Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças” (Deut 6,7).

Era essa a oração diária de um povo que se sabia escolhido, apesar de sua pequenez e pobreza, para uma missão. Israel **escutava...** Para ele, como para as pessoas simples, o encontro da oração era um encontro de escuta (3).

Israel ouvia, mas esquecia-se muitas vezes da Palavra do Senhor. Era preciso que Ele lhe recordasse continuamente a Aliança. É que, realmente, é difícil escutar... Sempre o foi... É difícil criar, dentro de nosso ser, uma zona de silêncio... de atenção... de aco-

lhida... de revelação e escuta. Sobretudo no mundo da técnica e dos meios de comunicação social.

Quer-se falar... falar... falar. Tem-se medo de parar. De ouvir a Palavra — ou o silêncio — de Deus e dos homens. Porque hoje, como ontem, como sempre, Deus nos fala por seus instrumentos que constituem, para nós, **Sacramentos de Escuta...** Mas nem por isso se torna mais fácil o escutar.

Para escutar é preciso **ser pobre** (4). É preciso despojar-se. É preciso partir...

O pobre... O despojado de si e das coisas. O que se senta à porta dos ricos, levanta os olhos e ouve... ouve sempre, sem nunca ser ouvido... O que ouve sempre na igreja, na sala de aula, na obra social, na fábrica, na usina, na caserna, nas filas, nos guichês, ou mesmo com o rádio ao ouvido ou a televisão ligada... Aquele que escuta a todos e que por ninguém é escutado: o que nunca tem vez para falar...

Entretanto, ele fala: pelo gesto... pelo olhar... pela atitude... pelo silêncio.

O pobre: Abraão... Moisés... Maria...

Milhares de homens e mulheres como Abraão, Moisés e Maria, que souberam escutar... acolher... e se comprometeram na construção da História da Salvação... Gente a quem Deus se revelou no silêncio do coração... no “tempo da sarça”... no deserto da escuta... Gente que se despojou dos falsos ídolos e das máscaras... Que

aceitou ser "ferido" por Deus, por sua Palavra que penetra até o mais íntimo de nosso ser, discernindo e conhecendo os pensamentos e intenções do nosso coração (Cfr Heb 4,12-13).

Gente que foi penetrando, pouco a pouco, no mistério de Deus, e aceitou viver a **aventura da Fé**. Porque a Fé é sempre um risco. Gente que escutou, e **partiu**. Partiu sabendo do perigo, da insegurança, do medo que inspiram o deserto, o vazio, a solidão. Gente que atravessou descalça o deserto, sem armas e sem bagagens, porque sabia que em suas vidas — como na nossa — havia a **Força de uma Presença** que é báculo e companhia... E quando gritaram — no meio do deserto — ele os ouviu:

"Vede, este pobre chamou e o Senhor o ouviu. De todas as angústias o livrou" (Sl 33,7).

O pobre grita e Deus o escuta. Porque nosso Deus é **um Ser de Escuta**... É Alguém que toma também a iniciativa do Diálogo. Entretanto, sua Palavra encontra eco somente no coração do pobre. Porque é no meio do silêncio que ela se faz ouvir. O rico tem medo do silêncio. Faz barulho e tenta abafar a Palavra, porque é rico. Deus, não. Deus ama o silêncio. **Deus é pobre**... De fato, como disse o Pe. Cardonnel numa de suas homilias proferidas aqui no Brasil, "Deus não é o rico que se dignaria partilhar por um determinado tempo a sorte dos pobres. Tudo Nele é doação. É no momento em que não se é possuidor, proprietário, dominador, que é pos-

sível dar-se a si mesmo" (5). É por isso que Deus é pobre. Porque Nele, tudo é doação. Porque, depois de ter-nos falado de muitos modos, pelos Profetas, nos falou, finalmente, em seu Filho (Cfr Heb 1,1). Em Cristo Jesus nos deu realmente TUDO.

III — ESCUTAR O VERBO

Escutar a Palavra... o Verbo de Deus...

Palavra que ecoou no coração da história dos homens desde o instante primeiro da criação: "E Deus disse... E Deus disse... E Deus viu que tudo era muito bom" (Cfr Gên 1). Palavra que continuou ecoando através dos tempos.

"Deus disse a Abrão: Deixa tua terra, tua família, a casa de teu pai, e vai para a terra que te vou mostrar" (Gên 12,4).

... "Chamou-o do meio da sarça: Moisés, Moisés! — Eis-me aqui, respondeu ele" (Ex 3,4-5).

"Veio o Senhor, pôs-se junto dele e chamou-o como das outras vezes: Samuel, Samuel! — Falai, respondeu o menino; vosso servo escuta" (1 R 3,10).

Palavra que se dirige a todos os Profetas: que é colocada em seus lábios, queima-lhes as faltas (Cfr Is 6,7) e os consagra para a Missão:

"... Irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que Eu te ordenar.

Não os deverás temer porque estarei contigo para livrar-te, — oráculo do Senhor" (Jer 1,7-8).

É então que o profeta encarna a Mensagem. Passa a anunciá-la com gestos e vida, ajudando os homens a tomarem consciência de sua vocação de filhos de Deus.

Palavra eternamente dita e ouvida pelo Pai, enviada por ele na plenitude dos tempos (Cfr Gál 4,4); que põe sua tenda no meio dos homens (Cfr Jo 1,14), ao encarnar-se no seio da Virgem de Nazaré. Maria, a Mulher toda escuta e acolhida, a guarda durante nove meses, mas não para si. Sabe que o Dom de Deus é para todo homem. Por isso a entrega aos homens de todos os tempos no silêncio da noite do primeiro natal...

O Verbo continua ressoando no mais profundo de seu ser de Virgem e Mãe durante toda a vida. Não o compreende, algumas vezes. Mas sabe guardá-lo, no silêncio de um coração que escuta (Cfr Lc 2,19;51). Sabe, sobretudo, vivê-lo, por tê-lo ouvido, guardado, cumprido e vivido. Por isso escuta um dia, dos lábios da Palavra Encarnada, a **bem-aventurança da maternidade e da escuta:**

“Minha mãe e meus irmãos são estes, que ouvem a Palavra de Deus e a observam” (Lc 8,21).

“Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram. Mas Jesus replicou: Antes bem-aventurados os que ouvem a Palavra de Deus e a observam” (Lc 11,27-28).

O Novo Testamento e toda a História da Salvação — a nossa História — constituem um contínuo ecoar da Palavra. De repente, ela entra em nossas vidas, às ve-

zes, bastante acomodadas: chama, cria, inquieta, convida sempre à escuta e à resposta. É semente dada gratuitamente a todo tipo de terreno. Traz consigo uma exigência concreta de **definição**. Torna-se por isso “palavra dura” para alguns e “palavra de vida eterna” para muitos outros, no caminho da vida (Cfr Jo 6,60;68).

“Porque o Verbo se fez carne, não podemos conhecê-lo sem o escutarmos. Não podemos também, se experimentarmos amá-lo, escutando-o, não o imitar com o nosso corpo, no qual ele vive sua vida, e não seguir sua Palavra onde quiser nos conduzir. Ele nos quer levar às profundezas da aliança entre Deus e nós, à possibilidade de unir à sua a nossa vontade, de nossos atos virem a ser os seus”(6).

Deus fala hoje... aqui... agora...

Sua Palavra — cujo nome é JESUS CRISTO — ecoa na Igreja, no cerne da Vida Religiosa. Sempre nova e questionadora, entra em nossa vida e nos interpela: E você?...

O mistério da missão do apóstolado, está em ensinar os homens a iluminar sua vida com essa palavra, como escreve o Pe. Loew (7). Isso significa **ensinar-lhes a escutar**.

Mas... e nós... Sabemos escutar???

IV — A ESCUTA DO SILÊNCIO

Silêncio: vazio a plenitude. Tudo e nada. Lugar de treva e de luz. Silêncio de Deus... silêncio dos

homens... silêncio de nós mesmos... que via cavando, no íntimo de nosso ser, um abismo que só pode ser compreendido e vencido pelo amor silencioso.

É no silêncio que se realiza em nós o **mistério da escuta**.

É nele que se dá a acolhida humilde do **sacramento do deserto**.

É no deserto que nasce o **homem novo em Cristo**: o homem do silêncio de Deus e com Deus.

“Silenciar, como escreve Madeleine Delbrêl, é escutar Deus. É suprimir quanto nos impeça de o ouvir ou de o escutar. Silenciar, é escutar Deus por toda parte onde nos fala, desde aqueles através dos quais lhe apraz falar na Igreja, aos que, por um ou outro modo, Cristo identificou a si, e nos pedem luz, nosso coração ou pão” (8).

Escutar no silêncio do coração... que conduz ao silêncio da oração. Como aquela pobre mulher de Osasco que descobre, em comunidade, “o sentido da escuta de Deus, da oração”, e assim se expressa numa reunião de grupo:

“Quando eu rezo e digo orações com palavras, sinto que isto não é suficiente. Então eu rezo a Deus no meu coração, mas também isso não é suficiente; então, concluía, eu rezo pelo silêncio!!!” Realmente, como escreve o Pe. Loew, que relata o fato, sem nunca ter lido Santa Teresa ou São João da Cruz, “era seu coração que escutava.” É é diante de tais palavras e de pessoas como esta que deveríamos estudar o futuro da Igreja... O homem de nosso tempo não precisa

tanto de intelectuais, senão de algo muito mais profundo: de cristãos que rezem pelo silêncio... (9)

V — ESCUTAR OS SINAIS DOS TEMPOS E OS ACONTECIMENTOS

“Para cumprir esta missão (de serviço) é dever permanente da Igreja, perscrutar a fundo os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de modo que, acomodando-se a cada geração, possa responder às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e suas relações mútuas. É necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole frequentemente dramática”. (10).

A **Pacem in terris**, a **Ecclesiam suam**, a **Populorum Progressio** e a **Gaudium et Spes** nos ensinam a descobrir esses **sinais**:

A Socialização, a Teologia das realidades terrestres e a Secularização... A Pobreza e a atitude de Serviço na Igreja. A Esperança Comunitária, o Diálogo, a maior consciência da Comunhão Eclesial e do sentido de Salvação e de Igreja... A Missão... O Humanismo total e a Democracia... a Promoção da Mulher... a Juventude... O sentido de Personalização, liberdade e responsabilidade. O Pluralismo; o progresso da Ciência, da Técnica e da Cultura. Os princípios de subsidiariedade, fraternidade e encarnação. O Ecumenismo... e tantos outros **Sinais dos Tempos** que chamaríamos “positivos”. É preciso

perscrutá-los... amá-los. É preciso vibrar com a hora em que vivemos. **Escutá-la...**

Deus se faz hoje apelo através de seus **sinais**. Cada acontecimento é um apelo hoje de salvação." O descobrilo exige uma atitude de atenção e escuta. Essa atitude é **totalmente gratuita**. A escuta e a acolhida são — como o amor gratuitas. Talvez nos falte hoje na Igreja e na Vida Religiosa essa gratuidade, essa simplicidade, esse "desarmar-nos" diante dos acontecimentos e dos sinais dos tempos. Talvez nos falte o coração de pobre e o olhar puro e transparente da primeira e da sexta bem-aventuranças (Cfr Mt 5,3 e 8).

Esse coração e esse olhar que sabem ir além das aparências e sentir e ver com o coração e os olhos de Deus. Existe uma **linguagem dos sinais**, mas não sabemos perscrutá-la suficientemente. Faltam-nos olhos de amor. Entretanto, como disse Paulo VI no início da quarta sessão do Concílio, "poderá a Igreja, poderemos nós fazer outra coisa senão olhar o nosso mundo e amá-lo?" (11).

Escutar os Sinais dos Tempos... Interpretá-los... Iluminá-los com a luz do Evangelho... Exigência de Deus e do mundo moderno à Igreja e à Vida Religiosa. **Exigência de amor e de serviço ...**

VII — ESCUTAR OS IRMÃOS

Deus nos chama hoje através dos irmãos. Questiona-nos como a Caim: — Que fizeste do teu irmão? (Cfr Gên 4,9-10). O questio-

namento exige **escuta e resposta de vida**.

O irmão é um **sacramento** mediante o qual Deus nos fala hoje. Existe o **sacramento do próximo**, ainda que, muitas vezes, o desconhecamos. Próximo é todo aquele do qual nosso amor se aproxima, quando nos despoja de nós mesmos, faz-nos descer do pedestal no qual nosso orgulho nos coloca, e nos aproxima do outro.

É verdade que, para isso, é preciso parar, entrar dentro de nós, olhar-nos em profundidade. Parar para escutar o silêncio de Deus, o acontecimento, o sinal. Mas o deserto para nós, como para Moisés, não pode ser um lugar de fechamento, egoísmo, fuga ou abstração. Prepara-nos para a **Missão**: "Vai, eu te envio... Eu estarei contigo" (Ex 3,10;12).

É um "deserto povoado", aberto para Deus e para o homem. Para o nosso mundo de hoje. Mundo em que os homens continuam nascendo e morrendo... odiando-se e amando-se. Em cada um de nós existe também um Vietnã do Norte e um Vietnã do Sul, uma Berlim Oriental e uma Berlim Ocidental, uma Irlanda do Norte com uma Belfast, cheia de bloqueios e barricadas... Há, dentro de nós, muitas vezes, um coração de pedra, que deve ser transformado em coração de carne, para sentir com o irmão, para ajudá-lo, para rezar com ele e por ele, para repartir com ele o dom que o Senhor nos concedeu...

Saber escutar os outros... "Ser-lhes silenciosamente atentos, como escreve o Pe. Voillaume, transfor-

mar uma atmosfera para torná-la fraternal. Quando se sente pousado sobre nós um olhar atento e acolhedor, através do qual se percebe um coração inteiramente à escuta, então a gente se sente livre para falar, para expandir-se... Muitas vezes o essencial é escutar o irmão, para que se estabeleça o intercâmbio, o diálogo..." (12).

Se a missão da Igreja é a de "amar os homens de hoje como são e onde estão" (13), qual deverá ser a nossa, senão assumir, no amor, a cada irmão? Assumir sua história, seu sofrimento e alegria, sua angústia e dor, sua esperança e vitórias, fazendo-nos solidários com ele...

É preciso que, como em Pentecostes, os homens nos entendam em seu idioma, não no nosso, dizia em Roma Monsenhor Pirônio (14). Entretanto, quantas vezes nossa linguagem lhes é ininteligível! Falta-nos a escuta. Falta-nos amor e uma abertura sincera para com a nova sensibilidade que nasce, sobretudo na juventude. **Ai de nós se não soubermos escutá-los!**

VIII — COMO ESCUTAR

Já falamos do silêncio, da abertura, da acolhida, da pobreza e do despojamento diante de Deus, do Verbo, dos Sinais e Acontecimentos, do Silêncio e dos Irmãos. Sentimos entretanto que precisamos ainda **aprender a escutar** com mais profundidade.

Éloi Leclerc fala de uma **transparência de olhar**, de uma **simplicidade evangélica** que nos leva a

amadurecer e aprofundar no despojamento; que conduz à identificação com Jesus Cristo. É a **atitude de escuta** que vai levar-nos "à forma mais elevada e realista da pobreza evangélica: aquela em que o homem reconhece, acolhe e aceita a realidade humana e divina em toda a sua dimensão" (14).

É preciso também **saber esperar**, ser paciente, porque o Coração de Deus não bate ao mesmo compasso que o nosso; sem queimar etapas, mas, ao mesmo tempo, sem tentar retardar o ritmo divino.

É preciso **profundidade, interiorização**. Duas dimensões bastante esquecidas no mundo de hoje, que gosta de viver na superfície. Se não aprofundamos, corremos o risco de escutar superficialmente. Nossa palavra torna-se então vazia. Fizemo-nos "teóricos", "profissionais de palavra". O gesto já não comunica. O silêncio já não leva à plenitude. Morrem a acolhida e a interiorização do Verbo, do Sinal, do Acontecimento, do Irmão, de Deus. Morrem a Comunicação e a Esperança.

É preciso **Obediência**. A obediência é mistério de escuta e comunhão. É no silêncio da escuta que se realiza o mistério da comunhão com a Palavra; que sua força criadora age em nós e engaja todo o nosso ser na realização de uma Vontade que, muitas vezes, não é a nossa, mas que fazemos nossa pela escuta e pela obediência na fé e no amor.

É preciso, sobretudo, **escutar o Espírito**... É Ele quem nos abre os "ouvidos do coração". Só ele

pode dar-nos um coração de carne. Já sabemos o sentido da palavra **coração** na Bíblia: o que se encontra no mais íntimo do homem: **seu ser inteiro**. Cada um de nós tem que pedir, cada dia, o que pediu Salomão ao Senhor, no princípio de seu reinado: um coração que seja capaz de escutar, cheio de discernimento (Cfr 1 Rs 3,10 ss).

É realmente difícil ouvir com o coração. Mas é com ele que a Igreja e a Vida Religiosa devem escutar o mundo de hoje. Por isso nos voltamos para o Espírito de Cristo. É ele que dá densidade e sentido à nossa escuta. É ele que nos ensina que “a profundidade do homem está em sua capacidade de acolhida” (15). É ele que nos ensina a obedecer na fé; a acolher os sacramentos de Deus em nossa vida. É ele que nos ensina a **rezar** e a **profetizar**...

IX — PROFETIZA

O Mundo Moderno assemelha-se, às vezes, à planície cheia de ossos secos, descrita por Ezequiel no capítulo 37.

Olhamos a Igreja... a Vida Religiosa... o Mundo e, às vezes, a desesperança e a angústia ameaçam tomar conta de nós, como do Profeta.

Sabemos que há um montão de ossos secos esperando o sopro divino que os faça cobrir-se de carne e recomeçar a viver... Há uma porção de **vidas-mortas** anelando pela invasão de um **Espírito novo** que as faça renascer pela Esperança...

Muita gente se pergunta, como o profeta: — “Poderão estes ossos retornar à vida?” E a Palavra de Javé se faz ouvir: — “Profetiza!” (Cfr Ez 37,3).

A Palavra entra bem dentro. Corta. Fere.

— Profetizar? Falar? Como? Por que? Quando? Onde?

— Profetiza!

Só pensamos em proferir palavras e acabamos nos tornando profissionais, vazios interiormente.

— Profetiza!

Sentimos a tentação de gritar: “Eu não sou profeta nem filho de profeta!” (Am 7,14).

— “Profetiza ao Espírito... profetiza, filho do homem, dirige-te ao Espírito!” (Ez 37,9).

Profetizar não é só falar. Há outras formas de profecia.

Monsenhor Pirônio falava de três modos de acesso à Palavra de Deus: o primeiro, levado pela curiosidade; o segundo, pela técnica; o terceiro, pela **sabedoria do Espírito**, isto é, “desde a pobreza, para ouvir o que ele nos diz” (16). Trata-se da **sabedoria da escuta**.

É ela que nos leva à profecia. Se o Senhor no-la concede, podemos profetizar. Não com palavras nossas. A obra é realizada pelo Espírito. É ele que reza em nós... É ele que clama em nós, “Abba”... É ele que escuta na profundidade de nosso coração... É ele que realiza a obra de Deus e do Verbo em nossa vida.

Trata-se portanto de escutar... de acolher... de **deixar-se fazer por ele**, como Maria. **Hoje... aqui... agora...**

O fruto virá depois: o **diálogo** e a **comunhão de vida**... Porque a Palavra de Deus é sempre eficaz e nunca volta a ele sem ter produzido o devido fruto e executado sua vontade (Cfr Is 55,11).

Então — e só então — seremos **testemunhas**... Nossa vida será **transparência e diafanidade de uma Presença**... E a proclamação de nossa fé se fará através do cotidiano da existência comprometida com o mundo e os homens.

Para isso temos que, humildemente, colocar-nos em atitude de oração. E rezar:

— Senhor, somos ricos. Muito ricos. Por isso não sabemos es-

cutar. Nem rezar! Ajuda-nos a **redescobrir** os valores essenciais, ou, talvez, o **único essencial!**

Cria em nós uma **atitude nova de abertura**.

Dá-nos uma **nova sensibilidade**.

Torna-nos **novos no amor!**

Cria em nós uma **nova pessoa**, capaz de receber, de dar e dar-se.

Ensina-nos a **deixar-nos fazer** por Ti, por tua Palavra e por teu Espírito!

Desperta em nós uma **capacidade nova** de interiorização, de aprofundamento, de comunicação, de acolhida e de comunhão.

SENHOR, DÁ-NOS UM CORAÇÃO QUE ESCUTE E ACO-LHA!!!

(1) Citado por E. LECLERC, em **La Sagesse d'un pauvre**, Paris, 7 ed., 1969, p.3.

(2) Cfr J. LOEW, **Ce Jésus qu'on appelle Christ**. Friburgo, 1970, p.6.

(3) Cfr P. JACQUEMONT, **Ousadia de rezar**, São Paulo, 1971, p.20.

(4) Esta reflexão sobre a Escuta e a Pobreza está parcialmente inspirada na reflexão do Pe. Loew na obra citada, p.33-35.

(5) J. CARDONNEL, **Dieu est Pauvre**, Paris 1962, p.35.

(6) M. DELBRÊL, **A Alegria de crer**, São Paulo, 1970, p.15.

(7) Cfr. J. LOEW, **Como se visse o invisível** Lisboa, 1966, p.15.

(8) M. DELBRÊL, **obra citada**, p.114.

(9) Cfr **obra citada**, p.38-39.

(10) VATICANO II, **Gaudium et Spes**, 4

(11) PAULO VI, **Discurso na abertura da Quarta Sessão Conciliar**, n.º 18.

(12) Cfr R. VOILLAUME, **Lettres aux fraternités**, III, Paris, 1966, p.87 e 86.

(13) E. PIRÔNIO, conferência pronunciada no "Instituto Regina Mundi" de Roma, por ocasião do Sínodo de 1971 (tirada do gravador).

(14) Cfr E. LECLERC, **obra citada**, p. 11-12.

(15) Cfr **o mesmo**, p.135.

(16) E. PIRÔNIO, **conferência citada**, no lugar citado.

C. O. M.

Centro de Orientação Missionária

Recebemos detalhado relatório do Centro de Orientação Missionária, de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, dividido em oito capítulos. Convergência publica, na íntegra, os capítulos 2, 3 e 5, respectivamente: *Situação Atual dos Grupos Missionários; Avaliação Geral das Atividades Missionárias desde o Início até Hoje; Novas Perspectivas do C.O.M.*

II — SITUAÇÃO ATUAL DOS GRUPOS MISSIONÁRIOS

Servindo-se dos dados disponíveis e revisando a situação de cada equipe missionária — Grupos: de Irmãs, de Irmãs e Leigas, Só de Leigos, de Leigos e Sacerdotes, de Irmãos — o grupo de estudos fez as seguintes constatações:

1 — Nas dioceses onde a pastoral está sendo dinamizada e em

perspectivas de busca de uma ação de conjunto, as “equipes” missionárias estão mais integradas e, conseqüentemente, também mais animadas. Os problemas de faixa interna são bem menores e o pessoal trabalha com mais esperança.

2 — Há grupos que correm o risco da instalação, incapazes de sozinhos dinamizarem a paróquia ou a região pastoral em que atuam.

3 — Algumas equipes mais recentes sentem-se inseguras diante das exigências do ambiente. Uma ou outra pessoa insatisfeita porque o trabalho não corresponde ao previsto no projeto inicial.

4 — Alguns grupos estão em dificuldades financeiras pelo atraso dos salários, especialmente por parte dos governos estaduais.

5 — O entrosamento dos elementos da mesma equipe, nem sempre é bom, o que compromete o trabalho de conjunto. Isto aparece não só em equipes de irmãs e leigos, mas também em equipes só de irmãs.

6 — Leigos muito jovens nem sempre conseguem enfrentar equilibradamente os problemas afetivos. Passa-se facilmente da perspectiva mais pastoral e promocional para a profissionalização, com objetivos nitidamente econômicos.

7 — Pessoas mais conscientes sofrem de certo desencanto diante da realidade pastoral de certas dioceses: pastoral tradicional, com marcas mais congregacionais (de religiosos) que de Igreja, e menos na linha da conscientização.

8 — Alguns leigos e religiosos não definiram suficientemente os objetivos do trabalho que iam fazer. E as assessorias diocesanas são insuficientes. Não dão o acompanhamento indispensável.

9 — Os leigos que se encaminharam numa linha mais profissional (como os técnicos rurais) encontram mais facilidade de se localizar individualmente ou em grupos.

10 — Um ou outro leigo já sente a contradição entre um trabalho profissional e a ação pastoral. Angústias diante das exigências e a urgência de dedicar-se a um trabalho só com o povo e a necessidade de um trabalho só profissional (que não satisfaz, por não se ter bastante liberdade de ação).

11 — Algumas equipes de irmãs se queixam do esquecimento em que são deixadas pelas próprias co-irmãs do sul.

12 — Apesar disso, a maior parte dos grupos consegue se revisar e aos poucos se situar, enquanto aguardam os reforços prometidos, especialmente pelas respectivas províncias religiosas.

13 — Todos os grupos se sentiram e se sentem ainda muito bem aceitos pelo povo, pelos sacerdotes e bispos, o que não supre a necessidade de reestruturação que em algumas equipes deve ser feita com certa urgência.

14 — Grupos “mais antigos” de irmãs tentam se situar em novas perspectivas de vida religiosa, o que parece sumamente promissor.

15 — Globalmente percebe-se, desde já, a necessidade de uma se-

leção mais rígida, de se fazer jogo aberto sobre a realidade a ser enfrentada, maior experiência grupal antes de partir para o trabalho fora da diocese e, quanto às leigas, escolher pessoas já mais amadurecidas.

III. AVALIAÇÃO GERAL DO MOVIMENTO MISSIONÁRIO

A — Motivação inicial das Congregações Religiosas da Diocese e do C.O.M.

1. As congregações. Irmãos Maristas, Padres Capuchinhos, Irmãs de São José, Padres Josefinos, etc, abriram frentes missionárias bem antes da organização do C.O.M. Foram pioneiros entre os religiosos do sul, motivando progressivamente não só a abertura de outras províncias religiosas, mas de modo particular, um novo enfoque e uma reflexão mais profunda sobre a ação missionária na Igreja.

Irmãos Maristas. A partir do Capítulo geral de 1948, cada província foi assumindo o atendimento a uma região missionária. À antiga província de Porto Alegre foi confiada a ajuda ao Mato Grosso, missão depois assumida pela província de Caxias do Sul, quando da divisão da província de Porto Alegre.

Em 1964: primeiros contatos com o sul de Mato Grosso. Em 1966: início dos trabalhos, a partir de Nova Andradina. Hoje são três as comunidades Maristas: Nova An-

dradina, Dourados e Rio Brilhante (seminário), atingindo mais de 30 frentes (setores) de trabalho. Irmão Alfredo Henz, atual provincial, teve atuação decisiva na estruturação da CODAM e do COM.

Irmãs de São José. Puseram-se o problema a partir dos muitos pedidos de Bispos de diversas regiões do Brasil. Seguiram-se apelos insistentes da própria CNBB. Mas a motivação mais séria veio da reflexão sobre a realidade do Brasil e a constatação de certa “saturação” de religiosos no sul do país.

Já em 1968 abriram-se frentes no Maranhão (diocese de Balsas) e Pernambuco (diocese de Nazaré da Mata). Seguiram-se depois Bahia (diocese de Caravelas) e Mato Grosso (diocese de Dourados). Hoje contam com 5 fraternidades em Balsas, 2 em Nazaré da Mata, 3 em Caravelas e 3 em Dourados.

Padres Capuchinhos e Josefinos. Não dispomos de dados detalhados sobre as motivações que os levaram ao Goiás e Mato Grosso. Sabe-se que os Capuchinhos já têm 7 fraternidades no Mato Grosso e 7 no Goiás, com sede da

custódia em Brasília. Os Josefinos estão no Distrito Federal desde 1968, e hoje atendem a 2 cidades satélites: Guará e Planaltina.

2. A Diocese — Projeto Dourados. Desde sua entrada na Diocese, há 20 anos, D. Benedito Zorzi se propusera de encaminhar pessoal para ajudar outras dioceses. De fato, desde cedo (1953), vários sacerdotes trabalharam em diversas dioceses do Brasil, especialmente Ilhéus (BA). Fundou uma organização para envio de sacerdotes sob o nome de "PRO DEO CURRIMUS". Hoje a Diocese tem ainda 13 sacerdotes cedidos a dioceses do Paraná, Goiás, Mato Grosso e 3 a dioceses do Rio Grande do Sul.

Face a estas circunstâncias, D. Benedito Zorzi foi eleito pelo Episcopado Nacional como um dos membros da comissão do SCAI... (Serviço de Cooperação Apostólica Internacional), organismo missionário da CNBB, como também fez parte do Conselho de Atividade Missionária da mesma CNBB.

Em 1959 nasceu o Projeto "Dourados", por iniciativa ainda de D. Benedito. O Provincial dos Maristas, desde 1966 fizera ver a necessidade da presença de sacerdotes na região onde os irmãos começavam trabalhar. D. Carlos Schmit pedia para a Igreja de Caxias assumir o atendimento pastoral de uma região bastante extensa da diocese de Dourados. D. Benedito, através de uma carta, expôs o projeto em detalhes aos sacerdotes, urgindo uma resposta pessoal.

As respostas foram poucas. O clero não estava motivado suficientemente. Assim mesmo, 3 sacerdotes se dispuseram para um trabalho de 3 anos em Nova Andradina, Bataiporã, Ivinheima, Angélica e Anaurilândia. Em fevereiro de 1970 foi firmado convênio, por três anos, entre a Diocese de Dourados, por um lado, e a Diocese de Caxias, juntamente com a Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, por outro. Já, por este tempo, trabalhavam na diocese de Dourados os Irmãos Maristas. Mais tarde ficou fazendo parte também Bataguassu.

Na Assembléia Diocesana de Pastoral, nos dias 1-2-3-4 de dezembro/71, fizeram-se novos estudos sobre o projeto "Dourados", em vista da continuidade de atendimento, dado que, em fevereiro de 73, expira o contrato inicial. Decisão do Conselho de Presbíteros: continuar com os sacerdotes que se dispuserem, com a ajuda dos religiosos e leigos. Nova carta de D. Benedito, pedindo ao clero que se manifestasse a respeito. Isto já em princípios de 1972.

Deve-se ressaltar ainda a carta Pastoral que D. Benedito publicou em 1970 sobre a ação missionária da Diocese, com o título: "ESTÁ NA HORA..." Convocava toda a Diocese, e outras igrejas irmãs, a refletirem sobre a problemática de Brasil e a necessidade de um aprofundamento das características missionárias da Igreja.

3. O C.O.M. nasceu intimamente ligado às experiências pastorais do Centro de Formação Pastoral

da Diocese. A partir de julho/68, através de cursos intensivos para a formação de agentes pastorais para a diocese, o C.F.P. desencadeou um processo de reflexão, a partir das sucessivas experiências e encaminhamentos que vinha fazendo, na tentativa de achar uma saída mais adequada para uma verdadeira renovação pastoral na diocese.

“Experiências” e “encaminhamentos novos” criam tensões mais do que as próprias idéias que motivam essas experiências... As tensões e resistências são, porém, um desafio a uma busca maior e ao aprofundamento. Foi assim que o C.F.P. se definiu pelas comunidades de base, por uma pastoral de meio popular e por regiões mais necessitadas, mais pobres.

A partir de algumas experiências positivas, em regiões da Diocese, **o C.F.P. questionava-se sobre as chances reais de se encaminhar as C.E.B. na Diocese** Isso, especialmente, por causa da estrutura monolítica da diocese e o número grande de agentes pastorais, no sentido tradicional: padres, religiosos que davam à diocese características acentuadamente clericais. Daí, conseqüentemente, havia pouco lugar para o assumir mais corresponsável do leigo que na C.E.B. tem atuação decisiva.

Tudo isso não implica em desmerecimento dos esforços ingentes que a Diocese, com seus sacerdotes e religiosos, fazia para sustentar e renovar mesmo a ação pastoral. A análise tenta apenas definir situações, localizar os problemas que motivaram a criação do C.O.M.

Buscaram-se saídas fora da Diocese, na esperança de: **a)** Encontrar ajuda para a reflexão a partir das experiências de outras Igrejas. **b)** Que o movimento de pessoal, criando vazios (e pelo próprio dinamismo que traz em si toda a atividade missionária) ajudasse a perceber a problemática interna e incentivasse a busca de soluções adequadas. No fundo, acreditava-se, no C.F.P., que, abrindo para fora em perspectivas novas, se criariam situações de conscientização para a Diocese e conseqüentemente também para as mudanças pastorais que se faziam urgentes. Assim:

— **Em outubro-novembro/69**, três elementos do C.F.P. entraram em contato com diversas dioceses de Goiás. Nessa mesma época estava sendo encaminhado o Projeto “Dourados” (2 sacerdotes visitavam esta área).

— **Em dezembro/69**, em conseqüência, já 2 bispos visitavam a Diocese: D. Juvenal Roriz e D. Estanislau Van Mellis.

— **Em janeiro-fevereiro/70**: 4 sacerdotes e 4 religiosos fizeram mais uma visita de estudo e contatos às dioceses de Goiás: Rubiataba, Goiás, Goiânia, Ipameri, Itumbiara, S. Luiz de Montes Belos, Anápolis, Jataí e Porto Nacional. Analisou-se a situação da Diocese de Caxias e a situação das Igrejas do Goiás.

— **Em março/70**: visita de 5 Bispos do Goiás, com a presença do bispo de Joinville. Tentativa de mentalização da Diocese, especial-

mente os religiosos. A tônica foi sempre: a importância capital do Centro-Oeste, a problemática criada pela abertura das grandes rodovias a partir de Brasília e a inadequação das Igrejas locais de enfrentarem sozinhas a nova situação explosiva que ia se criando.

— **Dia 23 de março de 1970:** Reunião dos 6 bispos, o bispo da diocese, com os provinciais e representantes de provinciais. Nasceu a **COMISSÃO DIOCESANA DE ATIVIDADE MISSIONÁRIA (CODAM)**. Os provinciais e o bispo iam trabalhar em conjunto no encaminhamento de futuros projetos missionários, dando prioridade ao Centro e Extremo-Oeste.

B — CODAM e COM

A Comissão Diocesana para a Atividade Missionária surgia **como ponto de encontro dos desejos e esforços do Bispo Diocesano, dos encaminhamentos específicos das diversas províncias religiosas e das preocupações do Centro de Orientação Missionária**, que nascera do C.F.P. e que trouxera à diocese os Bispos de Goiás, provocando uma mentalização intensa e um impacto sem precedentes.

A convergência era uma realidade. Faltava só definir atribuições. A CODAM, sendo integrada pelo bispo e provinciais, seria o organismo que atuaria mais em nível de decisão, e o COM se situaria nos outros níveis: de **assessoria à CODAM e às Dioceses interessadas, de coordenação e execução das atividades e encaminhamentos**

decididos pela CODAM. Ao COM, portanto, caberia receber os pedidos, estudá-los, readaptá-los, ver as possibilidades de atendimento, encaminhando-os à CODAM para aprovação definitiva. Mais ainda: o COM se encarregaria da seleção e preparação do pessoal a ser **"ENVIADO"** às outras dioceses, manteria ligação com os mesmos; motivando outros para os novos programas, etc. Tudo ainda bastante implícito e indefinido. A experiência indicaria os rumos a serem definidos.

Em 1970 a CODAM reuniu-se mais vezes, assim em 1971, até que na reunião de 24-6-71 transformou-se em **Conselho Diocesano de Provinciais**. Em menos de um ano, a partir do movimento missionário, os Provinciais, o bispo e a coordenação diocesana se **puseram o problema dos religiosos na diocese**. Percebia-se que, enquanto se trabalhava em conjunto para dar ajuda às outras dioceses, cada congregação devia enfrentar sozinha os múltiplos problemas de ordem interna e no campo Pastoral.

Era o primeiro fruto: dinamização dos religiosos dentro da diocese e esforço conjunto para encaminhar soluções comuns para muitos problemas que eram de todas as congregações. Tomou-se consciência que a ação missionária não era característica exclusiva dos religiosos, mas **conotação essencial de toda a Igreja**, e que devia estar aberta também aos leigos.

Daí a opção: As atividades missionárias, no sentido de preparar pessoal para outras dioceses, ficaria

atribuição do COM na dependência global de toda Igreja diocesana (especificamente do Conselho Diocesano de Pastoral e Assembléia Diocesana, como organismos de decisão...) e os PROVINCIAIS se estruturariam em CONSELHO DE PROVINCIAIS, para estudar, aprofundar e encaminhar soluções para os problemas da "vida consagrada" na Diocese, sem descuidar-se do aspecto missionário, característica peculiar (não exclusiva) dos religiosos.

A estas alturas, a própria estrutura diocesana estava sendo modificada. O trabalho, a partir das bases, a revisão e revitalização dos organismos diocesanos, o questionamento provocado pela ação missionária incipiente, etc. levou a diocese a iniciar um processo de descentralização, o que significava dar maior autonomia e poder de decisão às foranias e ao funcionamento dos conselhos de comunidade, de paróquia e de forania. Estes, por sua vez, deram sentido novo ao Conselho Diocesano de Pastoral, cujo critério de constituição era o da **representatividade das bases**.

O C.O.M. foi, desde o início, um dos instrumentos dinamizadores de toda essa convergência de esforços no campo missionário e continua hoje **assessorando** congregações, dioceses e outros movimentos afins, **coordenando** atividades específicas de ajuda às dioceses e **executando** projetos que vão sendo definidos como prioritários no mesmo setor.

É nesse ponto que se impõe uma avaliação serena, objetiva do que

se fez e uma definição mais clara a partir de reflexão mais profunda dos rumos a serem dados ao COM e a todo movimento missionário da Diocese, para a Diocese, em perspectiva de Brasil.

C — AS DEFICIÊNCIAS DO C.O.M. NO PASSADO

Para se fazer uma apreciação global, determinando eventuais deficiências e envolvimento do passado que podem comprometer o sentido e os encaminhamentos do COM para o futuro, deve-se tomar em consideração os fatores diversos que motivaram o surgimento posterior do mesmo. Deve-se também ter presente o seguinte: o C.O.M. não terminou de "nascer". É um **processo** e quer tornar-se a expressão concreta do espírito que deve animar todos os cristãos. Quer ser também instrumento para se criar uma Igreja mais dinâmica e que represente um apelo aos homens de hoje, especialmente para os batizados todos.

Os aspectos negativos, as deficiências, são parte do risco que se corre quando se tentam caminhos novos em qualquer setor da vida humana e da própria Igreja. No que se refere ao C.O.M. eis os que foram levantados:

a) Houve "pressa" nos encaminhamentos, motivada pelos compromissos assumidos com os bispos interessados e sobretudo pelo desejo de despertar logo todos os religiosos (e congregações) para a perspectiva missionária.

b) O crescimento numérico trouxe diversas desvantagens:

- Seleção de lugares, definição de tarefas insuficientes. Não se clarearam suficientemente as condições de vida que o candidato enfrentaria em sua missão.
- Motivação rápida demais e preparação um tanto superficial, levando às vezes, a certa confusão entre ação missionária e atividade meramente profissional.
- Não se testou suficientemente a capacidade de engajamento pastoral dos candidatos.
- Nem sempre os grupos ou as pessoas chegaram a uma opção pessoal muito definida, o que é difícil quando os candidatos são um pouco "arrebanhados".

c) Além disso, não se exigiu sempre que as dioceses interessadas explicitassem seus objetivos no campo pastoral (definir por escrito o que esperavam dos novos agentes pastorais).

d) Não houve oportunamente explicitação dos objetivos do COM a todos os elementos que tinham partido antes desse trabalho mais de conjunto, provocando equívocos e dando a impressão de uma centralização excessiva e exclusiva, no COM, de todas as atividades missionárias.

e) Há o perigo de transformar o COM numa "agência de empregos". Não basta que haja "fonte de serviços".

f) É de perguntar-se se o COM tem condições de ajudar às dioceses a fazer análise e reflexão sérias sobre a própria realidade. De outro lado, é suficiente a análise que se fez de nossa realidade diocesana?

g) Apesar de tudo o que se fez, o COM não conseguiu atingir e assessorar suficientemente os que foram enviados há mais tempo, mesmo aqueles com os quais tinha um compromisso mais direto, como os grupos do projeto "Dourados".

h) O crescimento extraordinário do COM não foi sempre orgânico, isto é, não respeitou suficientemente as etapas do crescimento interno da Igreja Diocesana. E isto por falta de uma crítica mais sistemática indispensável para o movimento continuar fiel aos objetivos iniciais e para que o crescimento seja realmente orgânico.

Algumas conseqüências para o futuro,

- a) Necessidade de uma crítica sistemática:
- Do COM como organismo de uma Igreja que deve ser vivificada.
 - Dos encaminhamentos a serem feitos, em resposta aos pedidos dos bispos ou dioceses.
 - Das motivações dos próprios candidatos.
 - Das áreas e atividades a serem atendidas, seguindo o critério de PRIORIDADES.

b) Para isso:

- Manter-se em atitude de Reflexão e Revisão, para que a atividade missionária seja expressão vivencial da Igreja.
- Não “precipitar” a caminhada, respeitando as etapas de um crescimento orgânico, das pessoas, dos grupos e da pastoral global.
- Maior rigidez na seleção do pessoal, especialmente ter presente que o leigo missionário, nas circunstâncias atuais precisa de preparação mais específica e de garantias mais definidas. Explicitar o mais possível as situações concretas que a pessoa deverá enfrentar no trabalho missionário.
- Rever com mais seriedade o “Projeto Dourados”, e estudar as possibilidades de uma assessoria específica que respeite as circunstâncias próprias da região e do encaminhamento do projeto.

Avaliação Global

Apesar das deficiências e carências (“sinais amarelos”), o COM está significando muito para a Igreja diocesana e para muitas regiões do Brasil. Numa perspectiva dinâmica, porém, deve aproveitar as experiências mais variadas feitas até o presente, para encaminhar mais organicamente a ação missionária, corrigindo falhas e evitando possíveis envolvimento que podem desviá-lo de sua finalidade principal

que é o de ser um instrumento vivificador da própria Igreja diocesana de Caxias do Sul.

Urge dar maior consistência às conquistas e resultados positivos que já se percebem através da ampliação da REFLEXÃO não só dentro da diocese, mas também fora, com todas as pessoas interessadas especificamente os bispos que podem e esperam nossa ajuda.

O entrosamento das diversas províncias religiosas com o movimento missionário da diocese não deve impedir ou prejudicar a ação do Espírito que “age onde e como quer”. O COM deve ser mais um organismo de mentalização do povo de Deus e de assessoria aos projetos que vão se concretizando e que podem ter origem e inspiração as mais diversas. Os encaminhamentos específicos do COM devem visar sobretudo uma assessoria às dioceses interessadas, na linha do questionamento em vista de despertar as energias latentes em toda a parte! Parece que nem sempre, no passado, os projetos do COM tiveram presente essa exigência.

O COM no seu conjunto representa a expressão da corresponsabilidade de nossa Igreja Particular (diocese) para com todas as Igrejas. Deve ter em vista, sobretudo, aprofundar a interligação e o intercâmbio entre as Igrejas irmãs, a serviço de todos os homens. Esta perspectiva decorre e se fundamenta em uma visão de Igreja que deve ser explicitada e definida sempre mais claramente.

1. Funções do C.O.M.

O C.O.M. tem a finalidade de “despertar” e preparar pessoas para o serviço de outras Igrejas”, mas como um instrumento de revitalização da própria Igreja diocesana de Caxias do Sul. É um movimento que, através da reflexão e questionamento sobre as realidades da diocese, das congregações e de todo o Brasil, visa criar uma nova mentalidade eclesial, especialmente na linha da entre-ajuda e do intercâmbio de todas as Igrejas. Ao mesmo tempo é ponto de referência ou convergência de pessoas e grupos preocupados com a busca de caminhos novos para a Igreja chamada a responder às exigências e desafios de um mundo em transformação e para o qual quer ser um sinal de esperança e salvação.

Mais detalhadamente, o C.O.M.:

— É um grupo de pessoas preocupadas com a ânsia dos que se sentem chamados para o serviço dos irmãos de outras regiões, a partir de uma experiência mais profunda de Igreja.

— E que se esforça por criar condições para que isto seja explicitado e encaminhado devidamente.

Este serviço aos irmãos pode ter dupla dimensão:

— Pessoas enviadas com a missão de criar ou dinamizar comunidades eclesiais (a serviço interno das Igrejas).

— Pessoas que, superando os interesses pessoais, se dispõem a ajudar ou assessorar comunidades em setores prioritários da vida humana: saúde, educação, organização comunitária, etc. dentro de um espírito de autêntica promoção humana.

Criar condições:

— Ajudando os “candidatos” a se definirem, situando devidamente a própria opção e o serviço dos outros.

— Refletindo sobre a realidade e as necessidades, em busca de saídas válidas e de métodos adequados de ação.

— Aperfeiçoando os candidatos, segundo as necessidades, com eventuais treinamentos globais e específicos. Treinar as pessoas para serem capazes, em toda parte, de lerem a realidade ou de perceberem os apelos da mesma.

— Testando, através de atividades concretas, a capacidade dos interessados em responder às exigências dos eventuais projetos.

2. Pedidos e projetos

Restringir-se aos projetos que visam um trabalho especificamente pastoral (comunidades eclesiais de base, coordenação pastoral, etc.) ou de promoção humana em geral.

Exigir um detalhamento maior possível dos projetos:

- explicitação dos objetivos do trabalho;
- dados sobre a realidade local com indicação dos recursos locais, especialmente leigos, religiosos e sacerdotes;
- localização do projeto no contexto global do plano de pastoral da diocese ou da região;
- duração prevista do trabalho e manutenção dos agentes pastorais a serem enviados.

Cuidar para que o projeto não signifique uma substituição do pessoal local. Por isso, onde for o caso, **denunciar a má distribuição de agentes pastorais.** Também nas dioceses mais necessitadas este questionamento é importante, não esquecendo que os grupos missionários devem ser um sinal para uma mudança e maior dinamismo do pessoal local.

3. Áreas prioritárias

a) Critérios para a seleção de áreas e atividades prioritárias:

- Visão de prioridade dentro do conjunto da Igreja do Brasil;
- onde o trabalho possa ser mais "sinal de Igreja", e onde seja possível uma irradiação;
- dioceses e áreas de dioceses, portanto, que possam significar pontos de partida para uma renovação autêntica;
- os grupos de missionários, por sua vez, devem significar um questionamento, um sinal e um instrumento que desencadeie um processo de renovação em profundidade das estruturas eclesiais existentes e uma ajuda na busca de novos caminhos.

b) Novas frentes

- Dar uma assessoria especial aos grupos que partiram há mais

tempo e que tiveram mais dificuldades de se inserir numa perspectiva de maior renovação. ● Reforçar mais as "frentes" já abertas, evitando de espalhar ainda mais os grupos missionários, sobretudo da mesma congregação, para não tornar difícil o acompanhamento e assessoria. ● Orientar neste sentido as congregações que pretendem abrir novas "frentes". Regionalizar, por quanto possível, a contribuição de uma congregação província. ● Em princípio: dar uma ajuda preferencial ao Centro e Extremo-Oeste, sem descuidar os grupos que já trabalham em outras áreas.

4. Seleção e preparação de pessoas

- Não se faz Igreja porque se ouviu falar sobre ela, ou porque se fez um curso sobre Igreja. ● Normalmente, portanto, o critério de seleção e também de preparação, depende de mais ou menos experiência de Igreja do candidato. Não se pode ser agente de pastoral em outra Igreja, quando ainda não se tentou, ao menos, ser agente de pastoral na própria Igreja. ● Não se deveria mandar ninguém que não tenha um mínimo de consciência (que nasce da experiência) missionária. **Missionário:** o que faz a descoberta do sentido da vida em Cristo e tenta criar condições para que outros também cheguem a ela.

a) Diante do candidato:

Ver e questionar a experiência de vida (cristã) que possui e seu "estofa" pessoal.

Ver e questionar sobre o engajamento atual e suas verdadeiras perspectivas para o futuro.

Distinguir vocação missionária e espírito de aventura, fugas, etc.

Ver os treinamentos e cursos de capacitação de que precisa, para completar a sua preparação pessoal diante do trabalho a assumir.

b) Significado de um curso

Um curso deve ser funcional, isto é, responder às necessidades dos candidatos em vista do "projeto" que irão assumir. Um curso, portanto, a partir da pessoa, de sua realidade, em vista a:

- Aprofundar o sentido de sua opção, ajudando-o a se situar;
- ampliar a visão sobre a realidade, aprofundando a "consciência crítica". Capacitá-lo para ler (corretamente) a realidade;
- ampliar sua visão teológica e sua capacidade metodológica;
- desenvolver a sensibilidade diante das pessoas, problemas e situações;
- explicitar a capacidade de um trabalho em grupo. Testar a vivência e trabalho em equipe.

c) Outras observações

- Pessoas provenientes de lugares diversos e que se encaminham para um trabalho em equipe, devem fazer uma suficiente experiência de entrosamento.

- Insistir com os provinciais para que, na medida do possível, destaquem, para eventuais cursos e treinamentos, equipes definidas e para lugares determinados.

- Os cursos de preparação missionária devem prever, na medida do possível, um "estágio" *in loco*, como etapa de preparação para as pessoas que se encaminham para grupos permanentes de ação missionária.

— Há a possibilidade de fazer do "Projeto Diáspora" (pastoral de férias) um estágio preparatório para os grupos permanentes. Aliás, sugere-se de ver se é possível encaminhar essa etapa da preparação através do "Diáspora" 72/73 para os grupos que irão em 1974.

5. Projeto "Diáspora"

O específico do Projeto "Diáspora" é ser: Pastoral de férias para grupos que se dispõem a trabalhar em áreas mais abandonadas da diocese e fora dela. A experiência feita até o presente já pode indicar pistas válidas para uma ação deste gênero.

Uma das motivações iniciais foi também a de servir o "Diáspora" de etapa para encaminhamento de equipes permanentes. Não só preparação do "ambiente" para receber os grupos missionários, mas sobretudo criar possibilidades de uma experiência anterior para uma opção mais consciente das próprias pessoas que integram os eventuais grupos permanentes.

O ideal seria que, aos poucos, o "Diáspora interno" preparasse para o "Diáspora externo" e este para as equipes permanentes.

6. Voluntários do Desenvolvimento

Projeto ligado, desde sua origem, à Escola Técnica de Agricultura do Colégio Murialdo de Ana Rech (Caxias do Sul), dos Padres Josefinos de Murialdo, foi assumido em 1968 pela própria assembléia dos Bispos do Brasil (Rio de Janeiro — julho/68).

O objetivo principal: enviar para regiões menos favorecidas técnicos rurais (e em pecuária) de nível médio, numa perspectiva de serviço por um período de 3 a 5 anos.

Apesar de já ter enviado, através do C.O.M., 4 técnicos para o Goiás e 3 para o Mato Grosso, o "projeto" carece de ulterior definição e de maior detalhamento.

É decisivo questionar a própria escola técnica de agricultura de Ana Rech sobre os critérios da formação de novos técnicos e as perspectivas atuais da mesma em relação ao projeto dos "Voluntários do Desenvolvimento".

a) **Riscos** nos quais a mesma escola pode correr:

- Preparar os alunos apenas para "vencer" na vida, o que seria, em si, um objetivo muito pouco cristão, diante de uma dinâmica social que desafia a todos, especialmente aos religiosos que se dedicam à preparação de novas lideranças para a sociedade.
- Fazer a seleção por critérios demasiadamente tecnicistas.
- Transformar-se apenas em lugar de passagem para a Universidade o que significaria, muitas vezes, perder elementos que tem mais vocação para a agricultura.

b) **Condições** para encaminhar devidamente o projeto dos "Voluntários do Desenvolvimento": Manter contatos mais profundos a Escola e os alunos. Exigir nos candidatos, além do preparo técnico, uma consciência de serviço e uma verdadeira inserção no meio, em vista de uma experiência de povo. Na medida do possível, que os interessados cheguem a uma maior explicitação da fé e vivência da mesma, antes de um eventual encaminhamento para as dioceses e regiões missionárias.

c) **Sugestão:** que o C.O.M. crie condições, o mais cedo possível, para que se possa definir e regulamentar melhor o projeto dos "Voluntários do Desenvolvimento".

7. Assessoria técnica às dioceses

Numa perspectiva de fé e de profunda comunhão eclesial, manter sempre viva a intercomunicação entre as Igrejas, fazendo da entreajuda uma preocupação constante. O intercâmbio entre as Igrejas é extremamente fecundo para um aprofundamento das motivações da fé e para um aumento constante da esperança. Na medida do possível, estar disponível aos apelos de outras Igrejas.

Estudar com seriedade os pedidos e as possibilidades de verdadeira ajuda.

Ajudar as dioceses-irmãs a descobrir saídas a partir delas mesmas. Em caso de estrita necessidade, assumir as assessorias pedidas.

Uma maneira de entre-ajuda é proporcionar treinamentos e estágios na própria diocese de Caxias, de elementos de outras dioceses interessadas. As experiências feitas até o presente foram promissoras.

8. Outras perspectivas

Tentar fazer a reflexão feita aqui, nestes dias de estudo, também nas regiões e dioceses onde também trabalham nossos irmãos, especialmente com os bispos e o clero. **Dificuldade:** pessoal preparado e disponível para levar adiante essa reflexão em outros lugares. **Seria talvez mais oportuno convidar os bispos para, junto com os provinciais e outras pessoas interessadas da diocese, ampliar e aprofundar a reflexão iniciada aqui.**

Integração do C.O.M. com experiências locais, em dioceses do Norte e Nordeste. Presença temporária junto a essas Igrejas para perceber e sentir a realidade e o caminhar da Igreja, em vista de um enriquecimento mútuo (em lugares diversos e por parte de mais gente do C.O.M.).

Ver com as equipes missionárias que já atuam em diversas dioceses, a possibilidade de aprofundar a reflexão sobre as próprias experiências e produzir material para intercambiar com outros grupos, em

vista também da superação do atual isolamento.

O C.O.M. seja também um instrumento para questionar as regiões e as Igrejas que solicitam nossa ajuda, sobre o problema da má distribuição dos agentes de pastoral e sobre o sentido da presença dos leigos na renovação e nos encaminhamentos pastorais. É isto:

- a partir das bases, através de contatos informais;
- a partir dos subsídios que nos levaram a mudar, fazer que também outros tomem consciência;
- a reconhecer, com simplicidade, o que nos falta ainda para sermos mais autênticos e indicar sem receio nossas deficiências, pedindo a ajuda de outros. Ajudando aos outros a gente se ajuda a si mesmo.

Que no C.O.M., além do grupo executivo, que é a atual coordenação, haja um grupo mais ampliado, para reflexão e aprofundamento integrado por pessoas de base, provinciais, bispos e outras pessoas interessadas. É algo importante que está em jogo. Precisamos interessar o maior número possível de pessoas na busca de saídas verdadeiras e corretas. De modo particular: pedir aos bispos, que esperam ajuda de nossa Igreja, venham refletir conosco, ajudar-nos a ser mais Igreja. É indispensável, para que o trabalho tenha eficácia e continuidade, a busca de uma consciência comum de Igreja.



ESTANTE DE LIVROS

GUIA DA ASSEMBLÉIA CRISTA, de Thierry Maertens e Jean Frisque. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Vol. 9, 212 páginas. Tradução do original francês sob a orientação de Maucyr Gibin, sss.

Coleção em nove volumes de inestimável preciosidade. Um comentário **completo** das leituras bíblicas do calendário litúrgico. Seu valor é acrescido por ser o único livro que encerra uma exegese atualizada, séria e teológica dos principais textos da Sagrada Escritura. Num tempo em que renasce a exigência da oração fundada na Palavra de Deus e o gosto pelo cultivo da vida litúrgica, será de grande utilidade para as comunidades que este livro esteja às mãos. Ajudará a ligar a oração comunitária e pessoal à celebração da eucaristia, pela utilização dos mesmos textos ouvidos na Liturgia da Palavra e aprofundados no estudo simples e denso dos comentários.

Além disso, os **temas doutrinários** (dois para cada domingo ou festa) constituem um autêntico manual de teologia renovada, de conteúdo bíblico suculento e de atualidade incarnada. A abordagem dos temas, foge ao corriqueiro dos manuais de teologia sistemática e apresenta a evolução do pensamento contido no tema, dentro de uma pedagogia da revelação.

Além de uma visão geral da problemática atual referente ao tema, o autor examina quais eram as atitudes tomadas por Israel e por Jesus de Nazaré, e as exigências eclesiais bem como sua conexão com a celebração da Eucaristia no **HOJE** da Igreja.

O volume 9, que acaba de sair ao público, é enriquecido de índices valiosos:

1. Traz o novo lecionário, com as referências bíblicas para os Domingos e férias, além das Missas do Comum, Votivas e "ad diversa" (p. 104-133). O mesmo faz para o lecionário ritual e santoral.

2. Uma breve biografia dos santos do novo Calendário Universal, revista segundo dados históricos e arqueológicos, científicos e atuais.

3. Querendo-se ver o comentário de algum texto preferido — que não seja o da liturgia do dia — o leitor encontrará nas páginas 182-197 a indicação do texto procurado e a referência ao volume e páginas respectivas do comentário.

4. Por fim — o que nos parece sumamente valioso — um índice analítico segundo os temas teológicos esplanados no correr dos nove volumes. A preciosidade deste índice e a diversidade dos assuntos poderá satisfazer, em poucos instantes, ao desejo de conhecer sucinta e precisamente a doutrina bíblica sobre um determinado tema que se queira meditar ou pregar.

Ao mesmo tempo que recomendamos vivamente esta coleção às comunidades religiosas, queremos agradecer à Editora Vozes essa preciosa contribuição ao acréscimo da cultura religiosa em nosso país. Poderíamos dizer que "**GUIA DA ASSEMBLEIA CRISTÃ**" veio preencher duas lacunas graves: a urgência de um texto de exegese em português e ao mesmo tempo um manual de teologia ao alcance de todas as pessoas que desejarem aprofundar sua fé de modo sério, bíblico, vivencial e atualizado.

Pe. Maucyr Gibin, sss

**O SACERDOTE, HOMEM DE DEUS E
SERVIDOR DA IGREJA**, Agostinho Tra-
pé. Tradução do original italiano *Il Sa-
cerdote, uomo di Dio e servo della Chie-
sa*. Edições Paulinas. Ano 1972. Pági-
nas 190. Sétimo volume da coleção: Eu
sou aquele que serve.

Queremos chamar a atenção do leitor para a procedência e a atualidade do livro, não só porque nele se revela o Vaticano II, mas também porque a presença dos Santos Padres lhe confere um valor e traz uma mensagem que não estamos acostumados a observar em outros do mesmo gênero.

Talvez o melhor presente que o livro oferece é a combinação do Concílio com os Padres, o velho que passa a ser novo porque é eterno, com o atual. Reparando na correspondência de doutrina, quando não de expressões, parece que assistimos a cena do aperto de mãos entre os Padres do Vaticano II

e os Padres dos primeiros séculos do cristianismo.

A volta às fontes para dessedentar-se lá onde as águas são mais límpidas e puras é um dos mandamentos mais sérios do Concílio. O Papa Paulo VI escreve:

— O retorno aos Padres da Igreja faz parte da volta àquelas origens cristãs, sem a qual resultaria impossível a renovação bíblica, a reforma litúrgica e a nova investigação teológica desejada pelo Vaticano II.

A presença insistente de Santo Agostinho achamos também plenamente justificada porque Santo Agostinho é o Santo Padre mais citado pelo Vaticano II e o autor é agostiniano. Houve quem tivesse a curiosidade de contar mais de seiscentas citações de Santo Agostinho nos documentos do Vaticano II.

O Sacerdote, Homem de Deus e Servidor da Igreja, livro muito útil à biblioteca do sacerdote pós-conciliar e que responde à vontade do Concílio de "retorno às fontes", interpretadas à luz do Vaticano II.

O HOMEM NA SUA LIBERDADE, Jorg Splett. Tradução do original alemão **Der Mensch in Seiner Freiheit**. Edições Loyola. Ano 1972. Páginas 150. Primeiro volume da coleção Nossa Fé.

O problema do homem é o primeiro passo a dar no caminho para determinar as relações entre Deus e o ser humano. Por isso, um livro sobre o homem inicia uma coleção de Teologia.

De fato, no decurso da História, nunca foram os homens tão conscientes da sua liberdade como nos dias atuais. Mas eles experimentam também cotidianamente as suas limitações. A livre ação salvífica de Deus dirige-se a homens livres. Pois só uma pessoa que tem nas suas mãos o seu próprio destino pode entregar-se a Deus.

Mas como chega o homem a ser dono do próprio destino? Como consegue encetar uma relação verdadeiramente livre consigo mesmo?

O homem se abre, em primeiro lugar, no acontecimento do apelo que

lhe sai ao encontro na História. Através de sua relação com a História, com o mundo e com os outros homens é como consegue conquistar-se a si mesmo. Ao responder ao encontro com a História, encontra a liberdade, que o prepara para o apelo divino, pois também este lhe chega através da História.

Da mesma coleção Nossa Fé: **Volume 2: Experiência Existencial e Religião. Volume 3: A Fé no Deus Uno e Trino. Volume 4: Jesus Cristo, o Salvador. Volume 5: Uma Igreja Para o Mundo.**

O PROBLEMA DA REVELAÇÃO, Claude Tresmontant. Tradução do original francês **Le problème de la Révélation**. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 350. Volume quarto da Coleção Teológica.

Í N D I C E

Introdução: O Problema.

Capítulo I: Os Caracteres e as Modalidades da Revelação. 1. O fato Israel: uma mutação. 2. Revelação e informação. 3. A concepção espinozista do profetismo. 4. A comunicação de uma norma: a Torá. 5. Continuidade e desenvolvimento. 6. A resistência à informação.

Capítulo II: O Conteúdo do Ensino dos Profetas de Israel. 1. A criação de Israel. 2. A infidelidade à norma constitutiva. 3. A perseguição. 4. O castigo dos perseguidores. 5. A volta. 6. A salvação das nações. 7. O argumento profético.

Conclusão.

EQUILÍBRIO PSÍQUICO E VIDA CONSAGRADA, Romain Matignon. Tradução do original francês **Vie Consacrée et équilibre psychique**. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 140. Sétimo volume da coleção Eu sou aquele que serve.

O equilíbrio corre o risco de ser conhecido sob duas dimensões: 1.^a A adaptação ao mundo. Por que não dizer: conformismo, com suas conseqüências tão graves de falta de autonomia pessoal. 2.^a O equívoco da harmonia de suas pulsões e da resposta entre a exigência e o desejo.

O padre Matignon introduz neste esforço um elemento ainda mais difícil

de resolver e seu empenho visa a sobrevoar os problemas do "equilíbrio psicológico e da vida consagrada" no seu entrelaçamento. O trabalho de psicoterapeuta a que se tem dedicado, sua experiência também como médico permitiu ao padre Matignon abrir algumas janelas sobre este mundo difícil.

É um trabalho incompleto. O próprio autor reconhece.

TEMPERAMENTO CONTROLADO PELO ESPÍRITO, Tim LaHaye. Tradução do original inglês **Spirit controlled Temperament**. Edições Loyola. Ano 1972. Páginas 190.

O temperamento dá ao homem forças e fraquezas. Embora gostemos de pensar apenas em nossas forças, todos, porém, temos as nossas fraquezas.

Deus concedeu o Espírito Santo ao cristão. Ele pode melhorar as forças do homem e vencer as suas fraquezas. A intenção do autor é ajudar os leitores a compreender como o Espírito Santo poderá auxiliá-los a vencer as suas fraquezas e a pôr em jogo as forças todas da própria personalidade.

— Tim LaHaye dá uma sólida explicação bíblica da nossa vida no Espírito, com Jesus Cristo. Uma explicação que supera uma série de grandes dificuldades e liberta o indivíduo para apreciar profundamente os outros e gozar da graça de Deus na própria vida, escreve Diane Ross, **National Women's Representative, Campus Crusade for Christ**.

"O Temperamento Controlado pelo Espírito" é interessante, bem escrito, mostra evidente de uma vasta pesquisa. Tratando da personalidade humana

nos termos da psicologia moderna e baseando-se em citações valiosas de grandes autoridades, o Dr. LaHaye exalta a eficácia do Espírito Santo para dar solução às fraquezas da natureza humana. Tudo com base na Sagrada Escritura.

— Eu gostaria de ver este livro nas mãos de todos os estudantes, **Louis Talbot, DD.**

TEOLOGIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, Rosário Espósito. Tradução do original italiano **La Teologia della Publicistica**. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 250.

Os instrumentos de comunicação social não tiveram vida fácil na Igreja. É somente a partir do **Inter Mirifica**, isto é, desde 1963, que podemos dizer que eles foram acolhidos sem reservas. Quando se desce, entretanto, ao terreno do concreto, nota-se que os velhos

MENSAGEM DA BONDADE, Eduardo Pavanetti. Tradução do original italiano **Il Messaggio della Bontà**. Ano 1972. Páginas 320.

“**MENSAGEM DA BONDADE**” é uma síntese de Psicologia Profunda e de espiritualidade evangélica.

Não é um tratado, mas um itinerário de formação da personalidade, baseado na bondade, pregada e vivida por Cristo.

Não é um livro que se “lê”, mas um amigo que “fala” com íntima sinceridade e “escuta” com extraordinária atenção.

O amor, a amizade, a autenticidade pessoal, a angústia e a dor são os temas dominantes nesta obra.

preconceitos estão bem longe de serem superados ainda hoje em amplas camadas da eclesialidade.

Felizmente hoje tende-se a recuperar o tempo perdido e, não obstante os poucos mas doutos entendidos do setor se mostrem de gostos difíceis, os estudos concernentes ao assunto multiplicam-se e o seu teor qualitativo sobe gradualmente. Enquanto os progressos são relevantes nas especializações técnicas, psicológicas, históricas e pastorais, muitos são os percalços que se encontram na formulação satisfatória no tocante às implicações teológicas do problema.

Com este ensaio se deseja exatamente oferecer uma contribuição neste sentido. Este trabalho não é resultado de pesquisa teórica, mas de exegese. Exegese dos escritos do Padre Alberione, fundador das várias famílias da Pia Sociedade de São Paulo. Mais do que obra original, é um fichário construído ao longo dos anos de convivência do autor com o Padre Alberione.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Um Cristo para os seus amigos, Pe. Zezinho, Edições Paulinas. **A Fraternidade Cristã-Judaica**, Humberto Porto, Conselho de Fraternidade Cristão-Judaico, S. Paulo. **Cantiga do Povo de Deus**, Pe. Jocy Rodrigues, Editora Vozes Ltda. **Os astronautas da Mata do Cipó**, Maria Lúcia Ramos, Edições Paulinas. **Grande Sinal**, julho/agosto 1972. Neste número: **O Noviciado**, Frei Urbano Plentz. Ser Religioso não é transformar o mundo, mas transformar o homem, santificando as transformações do mundo. O noviciado é um período de intensa interiorização. Só esta interiorização é capaz de levar à conversão. Aquela conversão, início de longo processo. O processo é a vivência e a opção constante pela Vida Religiosa. Assim o Noviciado é válido. **Ser Mulher na Vida Contemplativa**, Yvonne Pellé-Douel. A mulher deve ser definida para além de suas fun-

ções a fim de poder melhor as assumir. **Brotéria**, cultura e informação, abril 1972. História em quadrinhos: **O impossível acontece**, vida de Santa Rita de Cássia. **Não mereço seu perdão**, vida de Santa Maria Goretti. Edições Paulinas. **Nosso Boletim**, órgão oficial da Regional da CRB-SP, agosto 1972. **CER**, Boletim da Conferência dos Religiosos do Equador, agosto 1972. **Esprit**, agosto 1972. **Engenharia de Sistemas. Planejamento e Controle de Projetos**. Manual preparado por pesquisadores do Grupo de Análise de Sistemas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 300. **Atualização**, revista de divulgação teológica para o cristão de hoje. Julho 1972. Neste número: **Pastoral do casamento**: como tomar consciência de um amor diferente? **Abortos**: Pode-se ainda manter a posição clássica? Haverá outra posição?

A VIDA CRISTÃ NA VIDA MODERNA, Pedro Brugnoti. Tradução do original italiano **La Spiritualità dei Laici dopo il Concilio**. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 370.

O Concílio nos trouxe imensa riqueza de conteúdo sobre a espiritualidade dos leigos. Aproveitamos abundantemente destas linhas mestras: o dinamismo de um Povo de Deus em Marcha; a redescoberta das dimensões evangélicas de "comunidade fraterna" e de "serviço ao mundo"; a "admirável variedade" na qual todos dão testemunho do único e mesmo Espírito; uma visão mais dinâmica, orgânica e realista.

Procuramos aprofundar de modo especial as características psicológicas da

espiritualidade dos leigos, traçando o estilo de uma experiência de Cristo e da Igreja no mundo, a plenitude humana que o deve manifestar, sua forma própria de ascese.

A renovação pós-conciliar não depende tanto das grandes programações que podem transformar-se em equívocos e tentações de renovado triunfalismo, como da coragem individual e comunitária na realização das experiências profundas e autênticas que inspiraram o Concílio. O essencial é tomar consciên-

cia de nossa autenticidade cristã, compreender as dimensões da realidade de ser Igreja ali "onde está o mundo", de ser testemunhas e mensageiros de Cristo "dentro das estruturas".

O problema de uma espiritualidade para leigos continua plenamente atual. O Concílio não exauriu o tema. Fez amadurecer e eclodir a hora dos leigos. Após séculos de esquecimento, o Concílio interessou-se por eles, os pôs em movimento, indicando-lhes uma gigantesca missão de serviço e de utilidade para o mundo. Mas não disse tudo, nem resolveu todas as questões. Mostrou vias novas, janelas abertas. O caminho a percorrer é ainda muito longo.

Faz-se mister ainda individuar os grandes temas espirituais que animaram o Concílio, procurar compreendê-los

em toda a sua profundidade, para poder realizá-los na vida concreta. Trata-se de atingir as dimensões essenciais, últimas, de uma experiência cristã vivida no mundo.

Como se caracteriza para os leigos viver em Cristo? Ser Igreja? Existe realmente um estilo específico dos leigos de caminhar para Deus? De encontrá-lo no mundo? É possível fazer uma síntese entre fé e vida? Entre engajamento eterno e temporário? Como construir uma vida validamente humana a ponto de ser divina e tão maravilhosamente divina a ponto de coincidir com a realidade de cada dia?

Urge dar uma resposta. Urge buscar uma experiência profunda e uma força vital que deve sustentar e dar sentido à consagração do leigo no mundo.

CULTURA DE MASSA E CULTURA POPULAR, Ecléa Bosi, Editora Vozes Ltda. Ano 1972, Páginas 178.

O livro da Professora Ecléa Bosi, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, inicia a **Série Pesquisas** da Coleção Meios de Comunicação Social. Com prefácio de Otto Maria Carpeaux, **Cultura de Massa e Cultura Popular**, vem apresentado por Dante Moreira Leite.

Trata-se de uma contribuição das mais originais ao estudo da comunicação no Brasil, numa perspectiva sócio-psicológica. Tendo como elemento central uma pesquisa sobre as leituras de um grupo de operárias de São Paulo, o livro contém uma análise crítica das diversas teorias sobre a Comunicação de Massa.

Explica a autora:

— A escolha da leitura como veículo de comunicação foi intencional. O jornal, a revista, o livro exigem do consumidor certa opção inicial que aparece mais nítida do que na recepção em fluxo dos programas de TV e de rádio.

Sua maior preocupação está voltada, contudo, para a conceituação dos fenômenos de cultura de massa, cultura popular e cultura operária, em nosso país, trazendo novos e interessantes elementos à discussão teórica desses aspectos da sociedade contemporânea.

Por sua vez, Dante Moreira Leite dá o seguinte testemunho:

— Esse tema que hoje constitui uma das preocupações mais salientes dos críticos, dos sociólogos e psicólogos

sociais de vários países, encontra aqui a sua primeira versão brasileira. É realmente auspicioso que, em vez de uma árida discussão teórica, a autora nos tenha permitido acompanhar o problema através de sua manifestação concreta. Desde o início traça um quadro muito vivo dos problemas de uma cultura de massa e das possíveis explicações para as suas características mais notáveis. Desde o início também nos

prepara para tentar compreender o desaparecimento da cultura popular e sua substituição por uma cultura transmitida em bloco para os grandes grupos contemporâneos.

É um livro de valor científico, indispensável aos estudiosos da Comunicação de Massa e da Cultura Brasileira, especialmente aos profissionais, aos professores e aos estudantes universitários.

A EXIGÊNCIA DE DEUS: redescobrir a vida religiosa,
R. Régamey. Tradução do original francês.
L'exigence de Dieu: redécouvrir la vie religieuse.
Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 220.

A crise atual do homem e do mundo forçosamente há de repercutir na vida religiosa.

Nos últimos decênios, a transformação do homem foi impressionante quanto à mentalidade, à visão das coisas, ao modo de sentir, ao seu profundo psiquismo. É como este homem modificou o mundo! Nesta mutação tão profunda e generalizada

é da própria fé que radicalmente se trata. A vida religiosa diante da desconcertante novidade de mentalidades, de costumes e de estruturas do mundo, não só é questionada, pura e simplesmente posta em discussão, mas é acometida

por uma corrosão sub-reptícia nos seus fundamentos, na fé.

Daí a necessidade de sondar em profundidade tudo concernente à vida religiosa a fim de atingir as fontes.

Este livro há de corroborar para a convicção daquilo que são os religiosos e religiosas, de sua missão na Igreja e no mundo, e há de levá-los a viver as realidades do estado religioso em altura, profundidade e ampliação que concretizem uma primavera na Igreja.

ORAÇÃO PELA PAZ

Paulo VI

Senhor, Deus da Paz, tu que criaste os homens,
para serem herdeiros de tua glória,
nós te bendizemos e te agradecemos,
porque nos enviaste Jesus, teu filho bem amado.
Tu fizeste dele, no mistério de sua Páscoa,
o artesão de nossa salvação,
a fonte de toda paz,
o laço de toda fraternidade.
Agradecemos pelos desejos, pelos esforços,
pelas realizações que teu Espírito de Paz
suscitou em nossos dias
para substituir o ódio pelo amor,
a desconfiança pela compreensão,
a indiferença pela solidariedade.
Abre mais ainda nossos corações e nossos espíritos
para as exigências concretas do amor
de todos os nossos irmãos,
para que sejamos cada vez mais artesãos da paz.
Lembra-te, ó Pai, de todos os que lutam,
sofrem e morrem para a parturição
de um mundo mais fraterno.
Que para os homens de todas as raças
e de todas as línguas
venha o teu reino de justiça, de amor e de paz.
AMÉM